

AGRO destaque



OUTUBRO 2011



Universidade de São Paulo

Reitor

João Grandino Rodas

Vice-reitor

Hélio Nogueira da Cruz

Vice-reitor Executivo de Administração

Antonio Roque Dechen

Vice-reitor Executivo de Relações Internacionais

Adnei Melges de Andrade



Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz"

Diretor

José Vicente Caixeta Filho

Vice-diretora

Marisa Aparecida Bismara Regitano d'Arce



Projeto AGROdestaque

Projeto Editorial

Alicia Nascimento Aguiar (Mtb 32531)

Caio Albuquerque (Mtb 30356)

Entrevistas

Ana Carolina Miotto (estagiária)

Projeto gráfico / Editoração / Capa

Roberto Amaral

Colaboração

Bárbara Burger

Luciana Joia de Lima

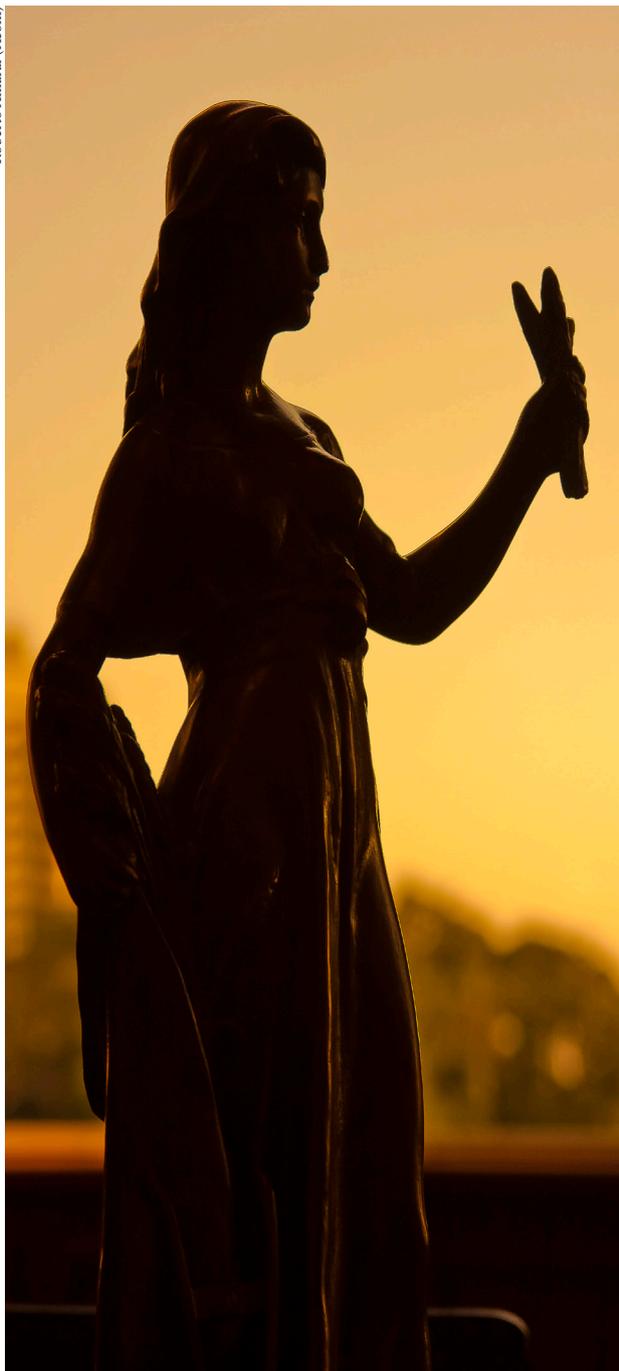
Assessoria de Comunicação - Acom

Av. Pádua Dias, 11 • Caixa Postal 9

13418-900 Piracicaba, SP • Telefone: (19) 3429.4485

www.esalq.usp.br/acom • acom@esalq.usp.br

Roberto Amaral (Acom)



APRESENTAÇÃO

Para divulgar a importante contribuição que o egresso da Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz” (USP/ESALQ) tem realizado ao longo dos anos nas áreas de Ciências Agrárias, Ambientais e Sociais Aplicadas, foi lançado em outubro de 2010, durante a 53ª Semana Luiz de Queiroz, o Projeto AGROdestaque, concepção que além de trazer um recorte da variedade da atuação profissional proporcionada pela formação da ESALQ, é uma entoação àqueles que desejam ter uma formação sólida com olhos projetados para o futuro.

Considerado como homenagem aos ex-alunos e estímulo a ingressantes, o projeto consiste em trazer, a cada semana, entrevistas com egressos dos seis cursos de graduação da instituição - Engenharia Agrônômica, Engenharia Florestal, Ciências Econômicas, Ciências dos Alimentos, Ciências Biológicas e Gestão Ambiental. As entrevistas, em formato ping-pong, são encaminhadas aos indicados via e-mail, lembrando que esses nomes são sugeridos por colegas que já participaram do projeto.

Dessa forma, o conteúdo disponibilizado para o projeto contempla informações sobre o egresso – breve currículo, demandas da área em que atua e opiniões acerca de aspectos relacionados ao mercado profissional. Além da publicação nos sites da Escola (www.esalq.usp.br/acom/agrodestaque) e da Associação dos Ex-alunos da ESALQ (ADEALQ) (www.adealq.org.br/), o material é disponibilizado como sugestão de pauta aos veículos de comunicação da USP, de Piracicaba e região, bem como aos profissionais da mídia especializada.

O AGROdestaque foi elaborado pelos jornalistas Alicia Nascimento Aguiar (alicia@esalq.usp.br) e Caio Albuquerque (caiora@esalq.usp.br), da Assessoria de Comunicação (Acom), com apoio do então diretor Antonio Roque Dechen. Atualmente, conta com a colaboração de Ana Carolina Miotto (imprensa@esalq.usp.br), estagiária de jornalismo.

Nesse primeiro volume estão publicadas 43 entrevistas realizadas entre outubro de 2010 e outubro de 2011. Os interessados em colaborar com o projeto poderão sugerir novos nomes enviando e-mail para os jornalistas da Acom.

PALAVRA DO DIRETOR

Todo esalqueano está em condição de ter uma carreira de sucesso por onde vier a passar. A ESALQ é uma instituição que sempre prezou pela qualidade do seu ensino, de suas pesquisas e de suas atividades de extensão.

E nossos alunos, sejam de graduação ou de pós-graduação, têm a oportunidade de compartilhar com um corpo técnico extremamente qualificado esses bons exemplos de práticas de ensino, pesquisa e extensão que são permeados por atitudes que são fundamentais para o sucesso de qualquer profissional. Incluímos aí os valores da disciplina, comprometimento institucional, responsabilidade ambiental, princípios fortes de ética, coleguismos e a possibilidade de participar para a melhoria do ambiente de trabalho.

A ESALQ sente-se responsável por oferecer esse tipo de formação àqueles que passam por aqui, a começar dos alunos de graduação. Nesse sentido, entendemos que grande parte dos nossos egressos, quase que imediatamente vestem a nossa camisa e carregam uma série desses atributos que o qualificam como um profissional diferenciado. Por outro lado, construímos para que o nosso egresso saiba tomar decisões. Isso é importante para o sucesso dos profissionais aqui formados. Quer dizer, na hora do desafio, ele terá que organizar suas idéias, relacionar seus contatos, identificar os melhores modelos para apoiar sua tomada de decisão.

Somado a tudo isso, consideramos o fato de que na ESALQ os alunos têm na interdisciplinaridade uma característica importante na formação. Os alunos compartilham disciplinas com alunos de outras aulas. Por exemplo, estudantes de engenharia agrônômica convivem com os de engenharia florestal, ou os de ciências biológicas convivem com futuros economistas ou com alunos de ciências dos alimentos ou de gestão ambiental e isso permite que estejam capacitados a administrar diferenças, característica importante de um profissional bem sucedido.

As histórias de uma pequena parcela dos mais de 12.780 profissionais formados pela ESALQ são relatadas nesta publicação, para comemorar um ano de início do projeto AGROdestaque coordenado pela Assessoria de Comunicação (Acom), iniciativa que valoriza a convivência acadêmica e experiência mercadológica.

Roberto Amaral (Acom)



José Vicente Caixeta Filho
Diretor da ESALQ

ÍNDICE

CIÊNCIAS DOS ALIMENTOS	PAG. 07
ENTREVISTAS	PAG. 08-11
CIÊNCIAS BIOLÓGICAS	PAG. 13
ENTREVISTA	PAG. 14
CIÊNCIAS ECONÔMICAS	PAG. 16
ENTREVISTAS	PAG. 17-20
ENGENHARIA AGRONÔMICA	PAG. 22
ENTREVISTAS	PAG. 23-47
ENGENHARIA FLORESTAL	PAG. 49
ENTREVISTAS	PAG. 50-54
GESTÃO AMBIENTAL	PAG. 56
ENTREVISTAS	PAG. 57-60

AGROdestaque

CIÊNCIAS DOS ALIMENTOS

O curso de Ciências dos Alimentos foi criado em 2001 com base nos estudos de Food Science existentes em outros países. Pioneiro no Brasil já tem 8 turmas formadas com 63% dos egressos no mercado de trabalho em empresas de renome e 34% em cursos de pós-graduação nos melhores programas do país. A graduação em Ciências dos Alimentos é a única que estuda integralmente o alimento, desde a produção no campo, sua transformação na indústria, sua comercialização no varejo até chegar à mesa do consumidor. Enfoca seus aspectos físicos-químicos, microbiológicos, bioquímicos e tecnológicos, envolvendo também a nutrição, sensorialidade, marketing, logística e a gestão da qualidade. O profissional formado é um especialista em alimentos, com uma visão única do sistema de produção agroalimentar. Sua atuação prioriza a relação homem-ambiente e as necessidades do ser humano e da sociedade.

Roberto Amaral (Acom)



Luciana Joia (Acom)





Cleber Alves Costa | Cientista dos Alimentos | F-2004

Resumo da atuação profissional.

Seu primeiro trabalho foi no Conselho Estadual de Segurança Alimentar do Estado de São Paulo - CONSEA/SP - após terminar seu mestrado em Nutrição Humana Aplicada na USP. Depois de um ano e três meses decidiu atuar na indústria de alimentos. Trabalhou dois anos e tres meses no setor de pesquisa e desenvolvimento da *Globalfood* - empresa que fabrica e comercializa ingredientes e soluções para indústrias de alimentos. Está, há mais de oito meses, atuando no Grupo Pão de Açúcar (GPA) como consultor técnico. No ano passado também teve a oportunidade de fazer o curso de especialização em tecnologia de carnes no ITAL.

A que área ou setor se dedica atualmente?

Atualmente atuo no GPA na área de varejo alimentos como consultor técnico do setor de perecíveis complementar. Este setor engloba os seguintes produtos: frios, embutidos, salgados, laticínios, queijos, massas e congelados. As principais atribuições são desenvolver estratégias que agreguem valor para o setor por meio da qualidade e variedade de produtos, organização e exposição, equipamentos, embalagens e atendimento.

Quais os principais desafios desse setor?

Na minha opinião são dois os principais desafios: superar as expectativas dos clientes e saber se antecipar às tendências globais de consumo.

Que tipo de profissional o seu mercado espera?

O setor de varejo é muito dinâmico e competitivo e responde fortemente por resultados. Por isso, o profissional deste setor precisa, acima de tudo, ser pró-ativo, comunicativo e saber trabalhar sobre pressão.

Entrevista concedida à Ana Carolina Miotto
Estagiária de Jornalismo
27/05/2011



Juliana Aparecida Battistella Berti Cientista dos Alimentos | F-2008

Atuação profissional

Trabalhou inicialmente, no Grande Hotel São Pedro com desenvolvimento de produtos. Atuou também na área de garantia de qualidade, realizando auditoria e treinamentos de Boas Práticas dentro do restaurante. Depois foi para a Sapore onde iniciou seus trabalhos no SAC Interno da empresa, canal de comunicação das gerentes dos restaurantes, onde são registrados problemas de qualidade e especificação dos produtos adquiridos. Mudou toda a estrutura de captação, registro e tratativa das ocorrências. Depois trabalhou na área de aprovação de produtos, onde realizava testes sensoriais e de rendimento com produtos que a empresa tinha interesse em negociar. Também fazia contato e visita aos fornecedores para solicitar ajustes de formulação, padronização e gramagem. Mudou novamente o foco e hoje trabalha com qualificação de fornecedores. Realiza auditorias técnicas para avaliação de estrutura física, processos e documentações e, após a aprovação, monitora o desempenho dos mesmos.

A que área ou setor se dedica atualmente?

Atualmente, trabalho na área de garantia de qualidade, sendo responsável pelo processo de aprovação e monitoramento de fornecedores em uma empresa de refeições corporativas. Realizo visitas técnicas aos fornecedores da empresa, onde avalio estrutura física, processos e documentação, aprovo ou reprovoo fornecedores, acompanho o desempenho deles após a aprovação, oriento os fornecedores a adequarem seus processos de forma a atender os requisitos da empresa. Também ministro treinamentos nos fornecedores de serviços logísticos (Centros de distribuição dos insumos aos restaurantes) e acompanho as auditorias internas da ISO 9.001. A empresa trabalha prestando serviços relacionados à administração de restaurantes corporativos, desde a montagem do restaurante, compra de insumos, preparo das refeições e gestão de mão-de-obra. Ao contratarem este serviço, seus clientes esperam que este

seja realizado da melhor forma possível. Como a empresa compra os insumos de terceiros e é responsável apenas pelo preparo e pela finalização dos pratos, é essencial que seja desenvolvido um trabalho de qualificação e acompanhamento dos fornecedores, de forma a garantir a qualidade e a segurança alimentar dos pratos servidos aos clientes desde a fabricação dos seus insumos. Falhas nesta cadeia produtiva podem gerar conseqüências graves, pois diariamente são produzidas mais de 850.000 refeições nos restaurantes da empresa espalhados pelo país.

Quais os principais desafios desse setor?

Uma das características do mercado de refeições coletivas é o preço de venda ser baixo, o que obriga as empresas deste ramo a buscarem produtos com preço baixo também. Desta forma, um dos principais desafios deste setor é alinhar qualidade com baixo custo dos insumos.

Que tipo de profissional o seu mercado espera?

Profissional com grande conhecimento em legislação alimentar e processos de fabricação de alimentos. Ele também deve ter bom senso, saber analisar as não conformidades que encontra nas auditorias e identificar o que é grave e saber orientar os fornecedores a melhorar o processo. No fundo, o trabalho confunde-se entre auditoria e consultoria, pois é preciso orientar os fornecedores a se adequarem para melhor atender.

Entrevista concedida à Ana Carolina Miotto
Estagiária de Jornalismo
20/05/11



Luciane Isabel Berno | Cientista dos Alimentos | F-2006

Atuação profissional

Formou-se em 2006 e, logo em seguida, entrou no mestrado na área de alimentos e nutrição pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Em 2009, trabalhou na Arcor do Brasil Ltda, em Bragança Paulista, onde atuou por um ano. Atualmente, mora em Brasília e se dedica ao setor agroindustrial, voltado para gestão de projetos e análises físico-químicas. Presta assessoria à Embrapa Agroenergia e é responsável pela gestão executiva de projetos: programa/organiza a execução de atividades relacionadas ao desenvolvimento dos mesmos e orienta colaboradores estagiários.

Descreva as atribuições do cargo que ocupa

Estudo o alimento sob os aspectos físico-químicos, microbiológicos, nutricionais, tecnológicos e sensoriais da produção primária até o seu consumo. Pesquisa e desenvolve novos produtos e programas de garantia da qualidade de alimentos quanto aos aspectos higiênico-sanitários, físico-químicos, sensoriais e nutricionais. Trabalho com tecnologia de conservação e/ou processamento de produtos agropecuários como leite, carnes, pescado, hortaliças, frutas, cereais, tubérculos, grãos oleaginosos, cana-de-açúcar. Gerencio e integro equipes de laboratórios em indústrias de alimentos ou em serviços de apoio ao setor de alimentação e projetos agroindustriais nos aspectos tecnológicos, econômicos, ambientais e de rastreabilidade. Também presto consultoria nas áreas de alimentos e nutrição: capacitação de pessoal, qualificação de fornecedores, auditorias, gestão de programas de garantia e controle da qualidade e adequação à legislação. Atuo no sistema de vigilância sanitária e epidemiológica e desenvolvo programas de educação para o consumo e produção de alimentos, além de monitorar processos que visem à segurança alimentar e nutricional.

Quais os principais desafios desse setor?

O principal desafio deste setor alimentício é viabilizar a aplicação de descobertas e técnicas laboratoriais para escala industrial.

Há muitas oportunidades para um profissional da sua área nesse mercado? Que tipo de profissional esse setor espera?

No Distrito Federal, a presença de indústrias de alimentos é bem escassa, o que justifica o fato do profissional de Ciências dos Alimentos ainda encontrar dificuldades de inserção no mercado e nas áreas públicas. A falta de conhecimento do setor agrega maior dificuldade nesta conquista. Acredito que o mercado de alimentos espera por profissionais inovadores e com grande dinamismo, tendo em vista suas tendências e dificuldades tanto atuais quanto futuras.

Entrevista concedida à Ana Carolina Miotto
Estagiária de Jornalismo
17/06/11



Renata Jacob | Cientista dos Alimentos | F-2006

Atuação profissional

Formada em Ciências dos Alimentos na ESALQ em 2006, Renata concluiu seu curso no Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA), onde trabalhou desenvolvendo projetos de pesquisa com o foco em segurança alimentar e microbiologia de alimentos. Fez mestrado na Drexel University (Filadélfia). Ao completá-lo, recebeu o prêmio de aluna de destaque. Durante e depois de ter completado o mestrado, trabalhou na Drexel University até o final de 2010, com diversos projetos de pesquisa que visaram à investigação da segurança e qualidade de alimentos vendidos em diferentes áreas demográficas da região. Os resultados desta pesquisa foram tão importantes que o grupo recebeu um prêmio da Associação de Saúde Pública dos Estados Unidos pelo desenvolvimento do trabalho, que resultou em várias publicações científicas em conferências e jornais científicos americanos. A partir de 2011, entrou no ramo da indústria alimentícia para melhorar/implementar sistemas de qualidade e segurança alimentar. É o que Renata faz atualmente na empresa *Don's Salads*.

Quais as atribuições do cargo que ocupa?

Atualmente, trabalho em uma empresa de alimentos de médio porte nos Estados Unidos que produz saladas, cream cheeses, dips e sobremesas. Sou responsável pela implementação da certificação SQF, que é um padrão de segurança do alimento que especifica os requisitos do sistema de gestão da qualidade, necessários para a identificação da segurança do alimento e dos riscos à qualidade, bem como valida/monitora as medidas de controle. A certificação SQF, depois de implementada, traz vários benefícios à empresa como o melhoramento da segurança do alimento e seu sistema de gestão, mostra o comprometimento da empresa com a produção de um alimento seguro e de qualidade, melhora potencialmente a aceitação do seu produto no mercado, entre outros

benefícios.

Quais os principais desafios desse setor?

O setor alimentício tem que estar em constante adaptação já que o consumidor está cada vez mais informado e exigente em relação à qualidade e segurança alimentar. Especialmente, nos Estados Unidos, casos de contaminação de alimentos por microorganismos têm sido muito explorados pela mídia por causa dos últimos casos de “outbreaks” e “recalls”, onde a indústria teve que retirar várias toneladas do produto em circulação porque consumidores ingeriram alimentos contaminados que causaram a hospitalização e até morte de algumas pessoas. Portanto, muitas empresas estão implementando certificações, até mesmo, por exigência dos consumidores. As indústrias alimentícias, no geral, têm em mente o quão é importante esta certificação, porém o processo é trabalhoso. Exige tempo, disponibilidade de empregados, muita documentação e treino, que têm que ser mantidos mesmo após a certificação implementada.

Que tipo de profissional esse setor espera?

A indústria de alimentos precisa de profissionais que estejam sempre dispostos a mudanças e inovações nos processos que ocorrem dentro da indústria. Precisa ser um profissional com boa capacitação e que procure atualizar-se a cada dia. O profissional não pode estar preocupado apenas com os processos dentro da companhia, mas também com o meio ambiente e o mercado, visando ao bem estar da população, principalmente agora em que os consumidores estão cada vez mais exigentes e em busca de alimentos mais saudáveis.

Entrevista concedida à Ana Carolina Miotto
Estagiária de Jornalismo
22/06/2011

AGROdestaque

CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

O biólogo formado pela USP/ESALQ terá sólida formação nas áreas básicas tradicionais, como as de Botânica, Genética, Zoologia, Ecologia, Bioquímica e Biofísica. Terá também a possibilidade de cursar disciplinas de formação pedagógica que conferirão o diploma de licenciado. Apresentará acentuado potencial de inserção no crescente mercado de trabalho que envolve áreas específicas de Biologia Agrícola, Biotecnologia e Manejo da vida Silvestre, caracterizando-se como um biólogo diferenciado para atuação aplicada à produção agrícola e ao manejo de recursos naturais.

Roberto Amaral (Acom)



Roberto Amaral (Acom)





Sara Ribeiro Mortara | Bióloga | F-2008

Atuação Profissional

Após a graduação, mudou-se para Ilhéus, no sul da Bahia, onde fez mestrado em Ecologia e Conservação da Biodiversidade na Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). Lá, trabalhou durante dois anos, com Ecologia vegetal, plantas epífitas em áreas de florestas montanas, e com Ecologia de Comunidades, aplicado na região de florestas montanas. Voltou para Piracicaba, no começo de 2011 e, atualmente, faz parte do Projeto Ponte, programa de extensão de ensino de Ciências em escolas públicas do município.

Por que você foi para Ilhéus?

Por ser um lugar com Mata Atlântica e uma área com oportunidades de trabalhar em conservação. No sul da Bahia, a ecologia e conservação têm muito potencial, por ter vários remanescentes e pouco profissional trabalhando. Voltei para Piracicaba, em 2011, pensando em continuar na Universidade, quando surgiu essa oportunidade do Ponte.

Como é seu trabalho no Projeto Ponte?

Eu coordeno uma equipe de estagiários – estudantes de graduação – que fazem monitoria em atividades de extensão em escolas públicas. Nós trabalhamos com experimento, saída de campo, de uma maneira lúdica e participativa, mostrando questões de Ciência, Ecologia e Engenharia. Buscamos trabalhar a ciência de forma crítica, pensar em relacionar os conteúdos que eles vêm da sala de aula com questões reais, palpáveis para os estudantes.

O que você pretende para o futuro?

Quero fazer estudos ecológicos que sejam aplicados na conservação. Vou ficar até outubro no Projeto Ponte, fazendo coordenação dessa equipe, mas já estou me afastando para me dedicar ao meu doutorado. Pretendo voltar ao que eu estava fazendo no mestrado, trabalhando com Ecologia de Comunidades. É um mercado que tem

espaço para o biólogo, especialmente na área conservação.

Quais as características do profissional para atuar em unidades de conservação, para sair dos centros urbanos e trabalhar com comunidades?

A gente sempre fica nessa dúvida na hora de romper com esse ambiente urbano e ir para as áreas naturais. Na verdade, o desafio é compatibilizar isso, trabalhar com conservação nas áreas naturais com a nossa visão de cidade. De fato, o profissional deve sair da Universidade e conseguir resolver os problemas reais no meio ambiente, usando o conhecimento técnico e científico para solucioná-los de forma mais ágil.

Entrevista concedida à Ana Carolina Miotto
Estagiária de Jornalismo
23/09/11

AGROdestaque

CIÊNCIAS ECONÔMICAS

O curso de Ciências Econômicas visa formar economistas que contribuem para a promoção do desenvolvimento econômico do país. Trata-se de um curso de graduação em economia com ênfase aplicada. São formados economistas altamente qualificados que, além de exercerem as funções normalmente atribuídas a este profissional (planejamento; análises de mercado, de investimento e econômicas; estudos; laudos; entre outras), tem habilidades adicionais para atuar nas atividades ligadas ao agronegócio, a gestão de recursos naturais, bioenergia e ao planejamento regional, no Brasil e no exterior. Trata-se de um segmento que representa cerca de um terço na renda gerada no Brasil.

Roberto Amaral (Acom)



Roberto Amaral (Acom)





Carolina Modelo Galletti | Economista | F-2007

Atuação profissional

Formou-se em 2007, em Ciências Econômicas pela ESALQ. Foi auxiliar administrativa na Secretaria Municipal de Finanças da Prefeitura do Município de Piracicaba/SP, onde desenvolveu atividades de contabilidade e auditoria interna. Em 2008, foi analista contábil da Cosan S/A Ind. e Com. na área de controladoria - implantação do sistema de controles internos para atender à SOX (Lei Sarbanes-Oxley). Fez pós-graduação em Administração de Empresas na Fundação Getúlio Vargas (FGV), em 2009. Desde 2008, é responsável pelas finanças do Centro Tecnológico da *Delphi Automotive Systems* do Brasil.

Qual a importância do setor financeiro no mercado automotivo?

Atuo na área de finanças do setor automobilístico. Sou responsável pelo orçamento (*budget*) do Centro Tecnológico da Delphi. Faço projeções financeiras (*forecasts*), controlo as despesas de engenharia, atividades de análise de fechamento do mês e reconciliações contábeis. O setor financeiro é cada vez mais primordial para o sucesso empresarial devido ao aumento da competitividade de empresas no mercado global que é o setor automotivo. Elaborar projeções financeiras com alto grau de precisão e controlar despesas a fim de direcionar os recursos em busca dos melhores resultados é de grande importância para uma empresa que dedica parte significativa de seus recursos financeiros à inovação tecnológica.

Quais os principais desafios do setor automotivo?

O setor destaca-se pelo alto grau de competitividade que se reflete na baixa margem de lucratividade por peça vendida, por isso a busca por economia em escala com grandes volumes de produção é fundamental. Além disso, a presença de empresas com atuação global, que contam com grande infraestrutura e unidades produtivas em diversos países, dificulta a entrada de novos concorrentes. Outra

característica marcante é a constante busca por inovação tecnológica como, por exemplo, o desenvolvimento de carros e motos com tecnologia bi-combustível (etanol e gasolina). Tudo isso faz do setor um dos termômetros da economia de um país.

Que tipo de profissional esse mercado espera?

Ao mesmo tempo em que o profissional deve buscar continuamente especializar-se, é importante entender o relacionamento de finanças com as demais áreas (compras, vendas, RH, produção, qualidade). Uma visão global de negócios é cada vez mais desejada para tal profissional. Além disso, comprometimento com prazos e metas e proatividade são características procuradas em um profissional que queira atuar nesse ramo.

Entrevista concedida à Ana Carolina Miotto
Estagiária de Jornalismo
29/07/2011



Cristina Fachini | Economista | F-2001

Atuação profissional

Desde 2005, logo após sua defesa de mestrado, Cristina tornou-se pesquisadora da Agência Paulista de Tecnologia dos Agronegócios (APTA) da Secretaria da Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo. Entre 2005 e 2007, esteve lotada no Pólo de Pesquisa da Agência de Capão Bonito (SP), trabalhando com a avaliação econômica de tecnologias geradas pela instituição. Em 2007, assumiu a diretoria do Núcleo de Informação e Transferência do Conhecimento do Pólo. Nesse mesmo ano, foi convidada para assessorar a coordenação da Agência nos programas de Transferência de Tecnologia. Participou da força tarefa para elaboração dos planos estratégicos da Agência para o PAC EMBRAPA até 2008. De 2009 a 2010, foi pesquisadora no Instituto de Tecnologia de Alimentos (ITAL). Regressou, no final de 2010, para a assessoria dos Pólos onde, atualmente, é responsável pelo Programa de Transferência de Tecnologia do Departamento.

Na elaboração do programa de gestão estratégica da Apta 2009-2011, você contribuiu para a definição de diretrizes de transferência de tecnologia. Em quais pontos a APTA pretende avançar nessa área?

Os programas de gestão estratégicas da APTA foram estabelecidos dentro do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC EMBRAPA) e elaborados de forma participativa junto aos representantes da APTA. As diretrizes apontadas para o programa de transferência da agência foram: o estabelecimento do Núcleo de Inovação Tecnológica (NIT) dentro do cumprimento da lei de inovação e a ampliação do acesso às tecnologias geradas na agência para diferentes públicos. Após essas definições, em 2010, foi baixado um decreto em São Paulo criando os NITs, no âmbito das Instituições Científicas e Tecnológicas do Estado de São Paulo, incluindo nesse caso as Instituições de Pesquisa da APTA. Acredito que o desafio atual seja estruturar os NITs e difundir internamente a

gestão da inovação em modelos interativos e não lineares. Outro ponto é a ampliação das tecnologias geradas pela agência para diferentes públicos. Atualmente, estou trabalhando no programa de transferência de tecnologia, especificamente para os pólos regionais, que têm a missão de contribuir com o desenvolvimento regional do Estado. Uma ação importante que estamos realizando é o alinhamento e o fortalecimento de ações conjuntas com outros órgãos da Secretaria de Agricultura como CATI (Coordenadoria de Assistência Técnica e Extensão Rural) e a CDA (Coordenadoria de Defesa Agropecuária). Estamos realizando eventos regionais para o levantamento de demandas tecnológicas que serão transformadas em projetos de pesquisa ou ações de transferência.

Qual seu campo de trabalho no momento, e que tipo de profissional ele espera?

Atuo com economia da inovação, um campo multidisciplinar. A gestão da inovação é um nicho de mercado crescente para o economista. Principalmente no campo de instituições de pesquisa e universidades, a criação de um núcleo de inovação tecnológica exige um grupo de trabalho capacitado para realizar a gestão da propriedade intelectual, os contratos e as parcerias com instituições externas, públicas e privadas e para difundir as tecnologias já existentes. Para o economista pesquisador, o trabalho nesse campo de pesquisa ainda é incipiente e necessita de muitos estudos. O profissional, portanto, precisa ser inovador, curioso, ágil e antenado com as políticas públicas.

Entrevista concedida à Ana Carolina Miotto
Estagiária de Jornalismo
15/072011



Fernando Perrini Daruge | Economista | F-2009

Atuação profissional

Durante a graduação participou da ESALQ Júnior Economia, na qual trabalhou na área de marketing e, posteriormente, ocupou a presidência. Após a graduação em Ciências Econômicas, iniciou a elaboração de planos de negócio na área ambiental, que sempre lhe despertou especial interesse. Colocou em prática um dos projetos juntamente com um parceiro comercial, desenvolveu a VISÃO Equilíbrio Ambiental, que atualmente está bastante consolidada no mercado. No começo deste ano iniciou um novo negócio na área de Gerenciamento de Resíduos - a FENIX Soluções Ambientais. “O desenvolvimento desses projetos só foi possível graças ao conhecimento adquirido na ESALQ e na empresa júnior - por exemplo, os testes de viabilidade econômica e preceitos administrativos”.

A que área ou setor se dedica atualmente? Qual a importância de se contratar uma empresa para o gerenciamento de resíduos?

Dedico-me à área de Gerenciamento de Resíduos. As atribuições são majoritariamente administrativas. Assim, podemos oferecer aos nossos clientes as melhores estruturas para acondicionamento, transporte, tratamento e destinação final ambientalmente correta para os resíduos, respeitando estritamente a legislação e as normas concernentes. Ademais, elaboramos treinamentos, entre outros programas ambientais. A maior importância de se terceirizar a administração dos resíduos é que o cliente pode se focar em seu *core business*, sem ter que desviar seus esforços gerenciais, aumentando sua eficiência. Além disso, há grande contribuição para o equilíbrio do meio ambiente, uma vez que elevamos a eficiência na utilização dos recursos, através da reutilização e reciclagem de materiais.

Quais os principais desafios desse setor?

O maior desafio do setor é elevar a eficiência na

utilização dos recursos, o que também significa reduzir os desperdícios. Segundo a revista VEJA edição especial SUSTENTABILIDADE de dezembro de 2010, embora 80% do lixo brasileiro possa ser reaproveitado, apenas 2% é reciclado ou destinado à compostagem.

Que tipo de profissional o seu mercado espera?

Este mercado espera pessoas focadas em resultado e que estejam verdadeiramente empenhadas na busca por um país sustentável. Deve-se ter a visão de que, se no Brasil há muito que se fazer para melhorar a questão dos resíduos, existem, portanto, grandes oportunidades de negócio neste mercado.

Entrevista concedida à Ana Carolina Miotto

Estagiária de Jornalismo

03/06/2011



Vinícius Alonso Gouveia | Economista | F-2010

Atuação profissional

Em 2010, formou-se em Ciências Econômicas pela Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz" (ESALQ/USP). Já formado, tornou-se técnico contábil pelo Colégio Comercial Dom Pedro II. Trabalhou em escritórios de contabilidade no município de Americana/SP e exerceu funções de controladoria pela Themis Consultoria. No segundo semestre de 2010, realizou estágio na controladoria da Cargill Agrícola, em São Paulo. Por fim, em 2011, foi contratado pelo Banco JBS, como analista de crédito, tendo como foco a análise de crédito para pessoas jurídicas do setor agrícola.

Que tipo de profissional o seu mercado espera?

O mercado demanda profissionais que, além de possuírem sólidos conhecimentos acadêmicos, detenham outras habilidades, como: língua estrangeira (inglês / espanhol), domínio do pacote Office, destaque para o Excel, e ao menos um intercâmbio. Todas essas características devem estar concatenadas aos seguintes pontos: senso crítico, trabalho em equipe, pró atividade, resiliência e, principalmente ter "espírito de dono".

Como as políticas de altas taxas de juros do Banco Central têm impactado a concessão de crédito?

A concessão de crédito no Brasil esteve, historicamente, envolta por questões macro econômicas que, em certa medida, impactaram a expansão do crédito. São elas a inflação, a política monetária (compulsório / elevada Selic), a política fiscal (IOF), entre outras. Diante disso, as recentes elevações da taxa básica de juros (Selic) como medida macro prudencial ao combate à inflação colaboram para desacelerar a concessão de crédito. Nesse ano, o crescimento do estoque de crédito deverá ser pouco superior a 10%. Em 2010, o crescimento foi de 20,5%. Essa provável desaceleração também encontra fundamentos no aumento do compulsório, bem como na

elevação do lastro dos bancos (50% a mais de capital) em operações de crédito acima de dois anos, medida que entrará em vigor em julho de 2011. Em suma, esse cenário de aperto monetário conduzido pelo Governo e Banco Central conduz à desaceleração da concessão de crédito.

Entrevista concedida à Ana Carolina Miotto
Estagiária de Jornalismo
08/07/2011

AGROdestaque

ENGENHARIA AGRÔNOMICA

Compete ao Engenheiro Agrônomo produzir, conservar, transformar e colocar a produção de origem agrícola no mercado, cuidando do aproveitamento racional e sustentado dos recursos naturais e renováveis. O aluno do curso de Engenharia Agrônoma ingressa no mercado de trabalho com uma sólida formação técnico-científica, capacitado para atuar nas áreas de vanguarda do seu campo de ação. Durante os 5 anos de curso, os alunos convivem com disciplinas básicas e aplicadas, que integram a pauta das principais pesquisas ligadas aos sistemas de produção agropecuária, passando da biologia molecular ao rastreamento de máquinas agrícolas por satélites, ao emprego de irradiação na conservação dos alimentos e a administração do agronegócio, desde a produção e comercialização dos insumos até o produto chegar ao consumidor.

Roberto Amaral (Acom)



Roberto Amaral (Acom)





Ágide Gorgatti Netto | Engenheiro Agrônomo | F-1961

Atuação profissional

Foi um dos primeiros engenheiros agrônomos a obter o Mestrado na Universidade da Califórnia - Davis - em Ciência e Tecnologia de Alimentos, ajudando no retorno na implantação do ITAL. Também foi um dos primeiros professores a dar aula de graduação e pós-graduação em Tecnologia dos Alimentos, na Unicamp. No período de 1971-78, foi diretor geral do ITAL e, de 1979-84, diretor executivo da Embrapa. Juntamente com o Dr. Ney Bittencourt Araujo, após participarem de um curso na Universidade de Harvard, introduziram, pela primeira vez no Brasil, o conceito de “agribusiness”. Com bolsa da Fundação Fulbright, fez um pós-doutoramento na UC-Davis, ajudando a lecionar dois cursos a convite do Dr. Bernie Scheiwgert, entre 1987-8. Atuou como consultor de várias organizações internacionais como UNICEF, ILSI, “Nutrition Foundation”, “Micronutrient Initiative” e PATH, bem como prestou consultoria a inúmeras empresas nacionais.

Que tipo de profissional o seu mercado espera?

O mercado precisa de profissionais bem formados e treinados. É preciso que tenham conhecimentos sólidos agrônômicos, de economia, de gestão e também a complementação de sua formação com conceitos básicos de interpretação de direito e leis. Na UCD - Davis tive a oportunidade de colaborar com um curso denominado “Food Law”, dado em conjunto pelo Departamento de “Food Science” e “Law School”. Hoje, para exercer qualquer atividade, as pessoas precisam assinar ou interpretar contratos, seja para alugar uma casa, ou para desenvolver um negócio. A multidisciplinaridade é fundamental. Finalmente, deve-se orientar o profissional para que se atualize constantemente.

O Sr. coordenou o projeto de adição de ferro e ácido fólico às farinhas de trigo e milho, que virou lei no

Brasil. Que outras medidas nesse sentido poderiam virar política pública e contribuir para a melhoria da qualidade de vida de populações de baixa renda?

Como consultor da “Micronutrient Initiative” e do Ministério da Saúde/Embrapa, colaborei efetivamente para que se tornasse obrigatória a fortificação das farinhas de trigo e de milho com ferro e ácido fólico. Sugiro que duas outras medidas possam merecer a atenção das autoridades públicas e privadas: a) fortificação do arroz, consumido em programas governamentais, com algumas vitaminas e minerais essenciais a uma boa alimentação principalmente das crianças; b) estabelecimento da obrigatoriedade de noções de nutrição desde quando as crianças frequentam as creches, até o segundo grau. É preciso que orientemos as nossas crianças a se alimentarem melhor.

Entrevista concedida à Alicia Nascimento Aguiar
21/01/2011



Alexandre Enrico Silva Figliolino | Engenheiro Agrônomo | F-1980

Atuação profissional

Sua atuação profissional envolve a diretoria comercial do Segmento *Large Corporate* do Banco ItaúBBA para o interior de São Paulo com um grande peso do setor de agronegócio na sua carteira de clientes. O Banco ItaúBBA seguramente é o banco mais completo do mercado de bancos de atacado brasileiro, atuando no conceito *one stop shop*. Seu leque de produtos é muito amplo e abrange aqueles ligados a serviços, como folha de pagamento e atividades relacionadas a *cash management* (cobrança, pgtos, etc), financiamentos para giro, investimento e financiamento de projetos, todos podendo envolver funding local e externo, produtos de tesouraria (aplicação, hedges, etc). É o banco líder de investimento no país, participando ativamente das maiores transações nas áreas de renda variável (IPOs, *Follow-ons*), renda fixa (debêntures, bonds, CRIs, etc) e fusões e aquisições com forte atuação no segmento do agronegócio. Com isto, sua atuação e da sua equipe está focada em desenvolver os relacionamentos com os clientes com a maior profundidade e no mais alto nível possível, para que possam estar muito atentos às necessidades e as oportunidades de negócios que surgem, desde as mais simples, até aquelas de maior conteúdo estratégico.

Que tipo de profissional seu mercado espera?

Sem dúvida para um gerente de relacionamentos que atua com empresas dos mais variados setores, ser um bom generalista é uma característica bastante desejável. Evidentemente sem perder a generalidade, quanto mais profundo este profissional puder ser, mais densos serão os relacionamentos que ele conseguirá desenvolver. Como as relações são desenvolvidas entre pessoas, habilidade interpessoal é muito importante, sendo quanto mais eclético o profissional melhor. Como vocês podem ver as características mais de cunho pessoal desejadas ao profissional de área comercial de um grande banco encaixam muito bem com a formação e os valores que a

ESALQ costuma proporcionar aos seus alunos através de uma vida acadêmica riquíssima.

Do lado da formação profissional, no meu caso sempre levei uma vantagem grande em relação a maioria dos concorrentes fruto da minha formação agrônoma que sempre me permitiu conversar com os clientes de forma mais profunda, pela formação, intimidade e conhecimento que desenvolvi no ambiente do agronegócio, já que considero entender com profundidade os problemas das empresas e colaborar na solução dos mesmos, nossa mais nobre função. Além da formação acadêmica básica, o profissional que vai atuar na área financeira, tem que fazer cursos de pós graduação ligados a administração e finanças, no meu caso fiz CEAG da FGV e mestrado no IBMEC. Se houver patrocínio estudar no exterior é sempre uma oportunidade de vida excepcional, proporcionando grande amadurecimento pessoal, além do desenvolvimento da fluência num segundo ou terceiro idioma. Conhecer bem economia é muito importante pois os clientes estão sempre demandando informações, opiniões e muitas vezes tomam decisão com base nelas.

A atuação no setor financeiro é uma boa oportunidade para quem se forma em áreas relacionadas ao agronegócio?

Com certeza hoje, o mercado financeiro oferece grandes oportunidades aos profissionais da área. Diferente da época que me formei, quando havia um grande aproveitamento de agrônomos em instituições financeiras, predominantemente em atividades burocráticas ligadas ao crédito rural, hoje em dia graças ao momento mágico que o agronegócio vive no mundo e em especial no Brasil, as oportunidades são imensas. Parto do princípio que é muito mais fácil ensinar economia, finanças, contabilidade, etc para um agrônomo do que ensinar Agronomia para um administrador ou economista. Com uma formação extremamente ampla e eclética, que é possibilitada pelo

currículo dos melhores cursos da área existentes no país, o engenheiro agrônomo e afins pode ter uma atuação muito destacada no mercado financeiro, seguramente dos setores mais dinâmicos e empolgantes da economia. A atenção dada ao agronegócio brasileiro pelas instituições financeiras, e pelo mercado de capitais é crescente, graças a vocação do país, que nos dá posição competitiva privilegiada, as mudanças de patamares de preço, que vieram para ficar, em função de alteração de hábitos de consumo, a questão da demanda de se atender ao mesmo tempo necessidades alimentares e energéticas, estamos vivendo um Mundo Novo, onde aquela frase “Agronomia, profissão do futuro” virou realidade e temos que ocupar no mercado de trabalho o lugar para o qual somos os mais vocacionados.

Entrevista concedida à Caio Albuquerque
29/04/2011



Antonio Carlos de Mendes Thame | Engenheiro Agrônomo | F-1969

Atuação profissional

Deputado federal (PSDB-SP) em seu 6º mandato, é professor licenciado do Departamento de Economia da ESALQ (USP) e advogado pela PUC (Campinas). Foi prefeito de Piracicaba e secretário estadual de Recursos Hídricos, Saneamento e Obras. É autor do projeto que resultou na Lei 128/2008, que criou o Microempreendedor Individual (MEI). Defensor dos biocombustíveis, foi o primeiro deputado a apresentar projeto de lei para instituir a obrigatoriedade do biodiesel. Foi fundador e presidente da Associação dos Municípios Canavieiros do Estado de São Paulo (AMCESP), um dos fundadores e o primeiro presidente do Comitê das Bacias Hidrográficas dos rios Piracicaba, Capivari e Jundiá.

Que tipo de profissional o mercado espera?

O profissional hoje, tanto na área acadêmica como no mercado de trabalho, precisa estar preparado para o momento presente, conhecer aquilo que ocorre num mundo extremamente globalizado. Também precisa ser capaz de enfrentar os desafios que são impostos à agricultura do presente. Agricultura que vai ter que crescer aproximadamente 40% nos próximos 20 anos, de acordo com a OCDE (Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico), que vai precisar produzir biocombustíveis numa quantidade imensamente maior a cada ano para atender não só a demanda de novos veículos, mas também à substituição dos combustíveis fósseis por limpos.

Qual o papel da ESALQ, no momento por que passa a economia brasileira?

O papel da ESALQ é duplo. O primeiro, é claro, é formar bons profissionais que possam aspergir, por todo lugar onde estiverem atuando, conhecimentos de ponta, que demonstram o grande esforço da escola na capacitação de profissionais para mostrar que podemos praticar uma

agricultura do presente: não ficarmos esperando uma agricultura do futuro. O segundo papel da ESALQ é justamente esse de gerar tecnologias novas: a única forma que nós temos hoje de enfrentar os problemas relacionados à produção de alimentos, à produção de matéria-prima para a indústria e à produção de bioenergia é através da incorporação de novos conhecimentos.

Entrevista concedida à Alicia Nascimento Aguiar
01/07/2011



Antonio Félix Domingues | Engenheiro Agrônomo | F-1975

Atuação profissional

Engenheiro agrônomo formado em 1975 e, durante a graduação, foi presidente do CALQ, Centro Acadêmico “Luiz de Queiroz”. Profissionalmente, atuou como técnico da Cooperativa de Cafeicultores de Maringá-PR (COCAMAR, 1976 - 1979), foi chefe do CEASA de São Paulo (CEAGESP, 1983 - 1986). Entre 1986-89 organizou e foi o primeiro presidente da Companhia de Desenvolvimento Agrícola de São Paulo (CODASP), focando o trabalho em conservação de solo e água, tendo concebido e iniciado o programa de melhoria de estradas rurais, posteriormente denominado “melhor caminho”. Ocupou o posto de Secretário de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo (1990 - 1991), diretor de Desenvolvimento e Vice-Presidente de Investimentos do Banco do Estado de São Paulo (mar/1991 - jul/1993) e presidente da Companhia Nacional de Abastecimento, (Conab, 1993). Na gestão pública do Estado de São Paulo foi, ainda, Secretário de Recursos Hídricos, Saneamento e Obras (1994), presidente do Conselho de Administração da SABESP - Companhia de Saneamento Básico do Estado de São Paulo (1994) e presidente do Conselho Estadual de Recursos Hídricos - Estado de São Paulo (1994). Como assessor da Presidência da República, entre 1999 e 2000, auxiliou nos processos de criação da ANA - Agência Nacional de Águas, tendo sido superintendente e diretor-substituto. Atualmente é coordenador, supervisionando as áreas de comunicação social, parlamentar e internacional. Formulou o Programa “O Produtor de Água”, modalidade de pagamento por serviço ambiental, focado na área de águas. Este programa já está em operação em diversas áreas do país.

Que tipo de profissional o seu mercado espera?

O gerenciamento dos recursos hídricos, de maneira organizada, é atividade recente no Brasil e posterior à lei nº 9433. Esta atividade abre espaço para profissionais

com afinidade para a área de proteção de mananciais, conservação do solo, manejo de bacias hidrográficas, agricultura conservacionista e para a agricultura irrigada no conceito da agricultura de precisão. As próximas décadas demandarão profissionais focados na sustentabilidade hídrica com novas atividades como o reúso de águas servidas para o uso na irrigação, o pagamento por serviços ambientais e serviços ecossistêmicos e a atuação diferenciada dentro dos zoneamentos ecológicos e econômicos que moldarão a agricultura num futuro próximo, face às exigências crescentes de certificação de sustentabilidade, sobretudo ambiental.

Em artigo no jornal O Estado de São Paulo, o Sr. abordou a falta de fundamentação econômica sobre a questão da hidropirataria. Sobre a crise da água, a dessalinização e o reúso são as vias mais promissoras e objetivas para combatê-la?

No caso do Brasil, o reúso é a prática que poderá fazer uma diferença fundamental na melhor gestão das águas. Em muitas regiões poderemos fazer um tratamento primário nos esgotos domésticos e aplicar esta água na irrigação de cana-de-açúcar, florestas econômicas, café, algodão, pastagens e diversas outras culturas. Com essa prática poderemos tratar os esgotos das cidades a custos menores, oferecer esta água com nutrientes para que a área agrícola preste serviço ambiental e devolver esta mesma água em qualidade muito superior ao meio ambiente. A prática de dessalinização ou de destilação da água será uma atividade limitada a circunstâncias locais muito especiais e não deverá ser largamente utilizada no Brasil. Há muitas possibilidades de darmos um salto de qualidade na gestão das águas e isso será cada vez mais efetivo, na medida em que se avance na formação dos comitês de bacia hidrográfica e na implementação dos instrumentos da Política Nacional dos Recursos Hídricos.

Entrevista concedida à Caio Albuquerque
04/03/2011



Camilo Lázaro Medina | Engenheiro Agrônomo | F-1986

Atuação profissional

Engenheiro agrônomo formado em 1986, com mestrado em Ciências também pela ESALQ, em 1998, e doutorado em Fisiologia Vegetal pela UNICAMP, em 2002. Atuou como engenheiro agrônomo do Fundecitrus (1987-89); gerente técnico em Fruticultura da Cooperativa Holambra (1989-94); bolsista e pesquisador convidado do IAC pelo Centro de Ecofisiologia e Biofísica e no Centro de Citricultura (1994-2004); pesquisador científico do Pólo Regional do Nordeste Paulista (2005); consultor em Citros e Presidente do Grupo de Consultores em Citros (GCONCI, 2004 e 2010). Sócio e consultor das empresas CONPLANT, Consultoria, Treinamento, Pesquisa e Desenvolvimento Agrícola Ltda. e CONPLANT Ferti, Indústria e Comércio de Fertilizantes, Ltda. Trabalha em fisiologia de produção de diversas culturas como citros, café, cana de açúcar, adubação e fertirrigação, uso de biorreguladores vegetais.

Que tipo de profissional o seu mercado espera?

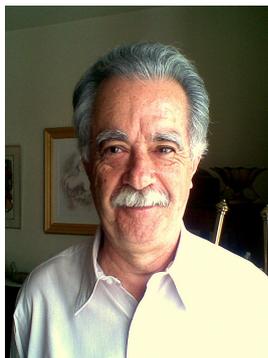
Atualizado, experiente, com conhecimentos em custos de produção e administração. Boa capacidade de relacionamento e liderança, com habilidades no desenvolvimento de equipes. A citricultura enfrenta, hoje, desafios como redução de área e ataque de pragas como o greening.

Como os produtores estão trabalhando para o fortalecimento do setor?

Há movimentos ligados à Faesp, Associtrus e Câmara Setorial da Citricultura do Ministério da Agricultura, no intuito de viabilizar a negociação das dívidas dos produtores que atinge 1 bilhão de reais, com objetivo de recuperar a capacidade de investimentos. Tenta-se, ainda, a construção de um modelo de negociação das frutas aos moldes do Consecana, o Consecitrus. Contudo, há ainda pouca clareza de informações para o desenvolvimento do Consecitrus como estimativas de safra confiáveis

que geram desconfiças e atrapalham as negociações. Desta forma, o processo deve ser demorado, mas como é importante para a confluência de interesses e uma reorganização do setor, pode ser efetivado. Trabalhos da Câmara setorial desenvolveram uma agenda estratégica que define as prioridades em vários segmentos como da defesa fitossanitária e pesquisa, entre eles o combate à expansão do HLB ou greening.

Entrevista concedida à Caio Albuquerque
28/01/2011



Carlos Alberto da Fonseca Funcia | Engenheiro Agrônomo | F-1969

Atuação profissional

Brasileiro, casado, 67 anos, engenheiro agrônomo formado pela ESALQ (1969), mestrado em Administração de Empresas pela Fundação Getúlio Vargas (FGV) (1973). Foi presidente da Sociedade Brasileira de Silvicultura (SBS, 2007/2010) e membro do Conselho Consultivo (2000/2006). Entre 1994-98, atuou como presidente do Fundo de Desenvolvimento Florestal do Estado de São Paulo (FLORESTAR). Foi membro fundador da *Forest Stewardship Council* (FSC) representando a BRACELPA. Em 1979, enquanto produtor rural e criador de escargots, inaugurou a Escargots Funcia. Atualmente, é consultor autônomo e proprietário da Helix Escargots, fábrica de conservas de escargots.

capacitando funcionários que irão cuidar dos animais em todas as fases de vida. Depois, é preciso persistência e envolvimento dos colaboradores na produção, proporcionando sua participação nos resultados do negócio. E por último, o mais difícil: pensar simples.

Que tipo de profissional o seu mercado espera?

O mercado de escargots não é muito diferente de qualquer outro. Requer profissionais com ampla e diversificada vivência: boa formação acadêmica, cultura geral e o conhecimento de idiomas são cada dia mais importantes para a ascensão profissional. Por experiência própria, considero ainda que a vida em república ajuda a lapidar o futuro profissional: ensina a viver com tolerância para com as diferenças e contradições do ser humano, ajuda na melhoria individual e na transformação em pessoas socialmente adaptadas e mais justas. A ESALQ fez de mim um engenheiro agrônomo. A Jacarepaguá fez de mim um homem melhor. As duas experiências me possibilitaram ser um profissional bem sucedido, como o mercado requer.

Como pioneiro na criação comercial de escargots no Brasil, quais as diretrizes daria aos interessados em ingressar nesse ramo de negócios?

São poucas as diretrizes para se ingressar na Helicicultura: primeiro é preciso adquirir conhecimento técnico para aplicar na atividade. Aprendizado e vivência prática são essenciais. Em seguida, dividir esse conhecimento,

Entrevista concedida à Alicia Nascimento Aguiar
11/02/2011



Cristiano Walter Simon | Engenheiro Agrônomo | F-1965

Atuação profissional

Engenheiro Agrônomo formado em 1965 tem pós-graduação em Administração de Empresas pela Fundação Getúlio Vargas, em 1969; Escola Superior de Guerra: Ciclo de Extensão CE-I/92 concluído em julho de 1992, no Rio de Janeiro. Foi presidente do Centro Acadêmico Luiz de Queiroz (1963/64); supervisor comercial e gerente de P&D; Dow Química (1967/72); Engenheiro Agrônomo fitotecnista: Hoechst do Brasil (1965/67); gerente de produtos e gerente de P&D para América Latina: *Dow Chemical*, com sede em Coral Gables, Flórida, USA (1972/76); gerente comercial e de marketing para o Brasil: Dow Química (1976/79); vice-presidente da (Associação Nacional de Defesa Vegetal - ANDEF (1977/79); diretor da *Diamond Shamrock* do Brasil (1979/83); diretor geral da *SmithKline* Saúde Animal para o Brasil (1983/86); vice-presidente executivo da ANDEF (Associação Nacional de Defesa Vegetal, 1986/90); presidente executivo da ANDEF (1990/2008); vice-presidente da AEASP - Associação de Engenheiros Agrônomos do Estado de São Paulo durante 4 mandatos (1987/95); vice-presidente do CONASPA - Conselho Nacional de Supervisão da Política Agrícola do Ministério da Agricultura (1987/1990); vice-presidente da FICASUR - Federação da Indústria e Comércio de Agroquímicos do Cone Sul (1993/99); vice-presidente da Associação de Ex-Alunos da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (Adealg) (2007-2009); membro do Comitê Executivo do XIII Congresso Internacional de Proteção de Plantas - Haia, Holanda - (julho 1995); membro titular da Câmara Setorial de Produtos Fitossanitários do Conselho Nacional de Política Agrícola (1995/98);

Como avalia o cenário agrícola na sua área?

Pelas condições edafo-climáticas encontradas nas diferentes regiões de produção agrícola no Brasil, a defesa fitossanitária merece estudos e soluções específicas. Neste

cenário, a evolução dos sistemas de controle sanitário vegetal foi muito intensa nas últimas décadas: os produtos são continuamente substituídos por outros menos tóxicos, menos agressivos ao meio ambiente, e mais seletivos aos organismos a serem combatidos. Outra tecnologia importante no sucesso na defesa fitossanitária é o MIP (Manejo Integrado de Pragas, Doenças e Plantas Daninhas) em que se preservam os inimigos naturais, se reduz a ocorrência de resíduos químicos nos vegetais, assim como a resistência dos alvos biológicos aos produtos utilizados.

Que tipo de profissional o seu mercado espera?

Em se tratando de uma área de alto nível tecnológico, é importante que o profissional recém-formado procure complementar seus conhecimentos através de cursos de pós-graduação, mestrado, estágios em órgãos de pesquisa e ensino, estações experimentais de empresas ou órgãos públicos. Além do profundo conhecimento das BPAs (Boas Práticas Agrícolas), é fundamental que o jovem profissional tenha um conhecimento bastante amplo a respeito das várias cadeias produtivas em que irá atuar.

Que fatores ou mudanças poderiam proporcionar avanços nas práticas de defesa fitossanitária?

A resposta a esta pergunta é: "Inovação Tecnológica" que nada mais é do que a modernização contínua dos produtos e processos que integram a moderna defesa sanitária vegetal. Para que isto ocorra de forma ágil e eficiente, é preciso que os órgãos responsáveis pelo registro de produtos e processos ajam com maior celeridade e mais eficiência.

Entrevista concedida à Alicia Nascimento Aguiar
26/11/2010



Décio Zylbersztajn | Engenheiro Agrônomo | F-1975

Atuação profissional

Possui graduação em Engenharia Agrônômica pela ESALQ (1975), mestrado em Economia pela *North Carolina State University* (1981), mestrado em Economia Agrária pela ESALQ (1979) e doutorado em Economia pela *North Carolina State University* (1984). Atualmente, é professor titular da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo (FEA/USP), onde coordena o programa de estudos do sistema agroindustrial - PENSA. Tem experiência na área de Administração, com ênfase em Administração de Setores Específicos, atuando principalmente nos seguintes temas: *agribusiness*, *new institutional economics*, custos de transação, cooperativismo e agroindústria.

Que tipo de profissional o seu mercado espera?

Cada vez mais a boa formação é fundamental. Recentemente, dei uma palestra para lideranças ambientalistas do setor de indústria de base florestal e me reportei a eles lembrando das minhas aulas de Sociologia Rural na ESALQ, que são úteis até hoje (professor Molina, nos anos 70). Ou seja, uma boa formação básica é o que realmente importa.

O Sr. é responsável por um projeto que tenta responder a questão: Biomassa para combustível: oportunidade ou ameaça para a segurança alimentar humana e animal? Já é possível dar indícios da resposta para essa questão?

Sim, tal projeto é feito em conjunto com a Universidade de *Wageningen* na Holanda. A competição de bioenergia e alimento é uma preocupação de todos nós, em especial dos europeus. Os estudos internacionais reforçam a idéia de que o Brasil tem condição privilegiada para produzir biomassa e alimento, com abundância de recursos. Estudos de colegas de Viçosa (MG) sugerem que existe uma sinergia no setor de proteína animal, que se beneficia dos subprodutos da indústria de bioenergia.

Entrevista concedida à Caio Albuquerque
18.02.11



Fausto Motta de Carvalho | Engenheiro Agrônomo | F-2006

Atuação profissional

No início da sua carreira, trabalhou no gerenciamento de cultura de soja da Companhia de Melhoramento do Oeste da Bahia, quando acompanhava toda a operação, desde o planejamento, a implementação e apresentação dos resultados. Também supervisionava as atividades pecuárias de cria, recria e engorda do grupo. Posteriormente mudou-se para Goiânia (GO) e passou a atuar como gestor de propriedades que a Ruralcon assistia. Finalmente, mudou de setor e passou a atuar na área de projetos em diversos seguimentos do agronegócio.

A que área ou setor se dedica atualmente?

Atualmente atuo realizando planejamento anual, definição de orçamento, estratégias e gerenciamento das atividades na área agrícola e pecuária de fazendas assistidas pela empresa. Além disso, faço avaliação de investimentos imobiliários ligados ao setor rural.

Quais os principais desafios?

Os principais desafios do setor do agronegócio brasileiro são a transformação pelo qual vem passando em caráter de empreendedorismo e falta de profissionais preparados. Temos que sair de um setor baseado na cultura do fazendeiro tradicional, sem muito controle e avaliação de resultados, e passar para algo que seja formulado de forma empresarial. Para isso, há necessidade de atitudes dos proprietários rurais e da formação de profissionais preparados e capacitados para auxiliá-los em todos os níveis, desde o planejamento até implementação da operação.

Que tipo de profissional o seu mercado espera?

O mercado hoje esta carente de um profissional que tenha a visão geral e que consiga traduzir isso para números. Existem muitos engenheiros agrônomos focados em áreas específicas, que não conseguem conciliar a parte econômica com a técnica, por exemplo.

Entrevista concedida a Ana Carolina Miotto
19/06/2011



Fernando Penteado Cardoso | Engenheiro Agrônomo | F-1936

Atuação profissional

Engenheiro Agrônomo formado em 1936, foi sub inspetor agrícola SAAESP com estágio nos EUA (1937/41); administrador rural em Descalvado/SP (1937/1950); fundador e presidente da Manah S.A - Fertilizantes e Pecuária de Corte (1947/2000); empresário rural em Mogi Mirim/SP(1957/2010), e em mais 5 locais em SP, PR, e PA. Diretor da Federação das Assoc.Rurais-FARESP; Presidente do Sindicato de Adubos do Estado; Presidente do Instituto de Pesquisas Tecnológicas-IPT do Estado de São Paulo; Secretário da Agricultura de São Paulo (1964); membro do Conselho Diretor do Intl. Fertilizar Development Ctr.(EUA); fundador e presidente da Fundação Agrisus -Agricultura Sustentável. Recebeu o Prêmio Epitácio Pessoa (ESALQ); foi condecorado Agrônomo do Ano 1989 (AEASP) e homenageado com a Medalha Luiz de Queiroz e Prêmio O Semeador (ambos pela ESALQ).

Faça uma avaliação do cenário agrícola nos dias de hoje

Até a década de 1970, a agropecuária baseou-se no recurso natural das terras férteis para produção de cana, cacau, café e cereais de baixo custo, além das pastagens para gado de corte. Nos anos 70, iniciou-se o aproveitamento das terras fracas de cerrado na esteira do plantio de trigo nos solos pobres de coxilha. A construção da fertilidade, com adição dos nutrientes, ensejou o plantio de cereais, notadamente soja, bem como a expansão das pastagens, uns e outros com o solo conservado assegurando sustentabilidade. Nossos recursos naturais de luz, calor e chuva, incidentes sobre grandes áreas, ao lado de recursos humanos capacitados, oferecem condições para ampliação da produção, estimulada pelos avanços da ciência e da indústria de apoio e pela solução das dificuldades logísticas. O Brasil será fator decisivo para a segurança alimentar da crescente população mundial.

Que características o mercado atual espera de um engenheiro agrônomo?

Espera agrônomos familiarizados com as atividades rurais para atenderem o suprimento de máquinas e insumos, bem como para executarem ou supervisionarem serviços de campo, pois a agropecuária tende a se tornar uma atividade de especialistas contratantes de tarefas cada vez mais sofisticadas. Além disso, destaco a importância dos agrônomos cientistas pesquisadores, que aperfeiçoam as tecnologias em prática, bem desenvolvem novas tecnologias e novos produtos nos campos da mecânica, dos insumos, das plantas e dos animais. Finalizo reforçando, ainda, a relevância dos agrônomos de cultura científica, responsáveis pelas atividades de ensino, a fim de assegurar a formação dos profissionais para todas as modalidades de atividade relacionadas à agropecuária, bem como para a renovação desses profissionais.

Entrevista concedida à Alicia Nascimento Aguiar
08/10/2010



Guilherme Ribeiro do Valle Gonçalves Engenheiro Agrônomo | F-2007

Atuação profissional

Enquanto se formava na ESALQ, trabalhou com preparo de solo e ensilagem em Tulare, Califórnia, durante sua residência. Após sua formatura, em 2007, ingressou na Ruralcon, empresa de assessoria rural, cujo principal objetivo é unir o conhecimento técnico com as áreas administrativas e gerenciais do empreendimento assistido. A Ruralcon trabalha com gestão de empresas agropecuárias, planejamento estratégico, projetos de análise de investimentos, gestão de índices e desempenho, projetos de implantação, auditorias técnicas e patrimoniais. Atualmente, Guilherme faz especialização em produção de ruminantes na ESALQ.

Descreva as atribuições pertinentes ao cargo que ocupa na Ruralcon.

Hoje eu me dedico à área de gestão de empresas agrícolas. Sou responsável pelo planejamento estratégico e gestão de índices e desempenho. Uma vez feito o planejamento, é necessário fazer a execução. Uma vez executado, é necessário gerir os índices e avaliar o desempenho. A gestão engloba toda a parte estratégica, técnica e financeira. Ela contribui para acelerar o processo de profissionalização do meio rural e auxilia na implantação de conceitos empresariais ainda pouco utilizados no setor.

Quais os principais desafios desse setor?

O principal desafio é implantar o conceito de empresa nas propriedades rurais. Outro desafio é o desenvolvimento de ferramentas de gestão com foco na empresa agropecuária.

Que tipo de profissional o seu mercado espera?

Hoje o mercado de gestão busca um profissional com uma visão global do processo e que seja capaz de aliar a técnica com as áreas administrativas e gerenciais da forma mais eficiente possível.

Entrevista concedida à Ana Carolina Miotto
Estagiária de Jornalismo
05/08/2011



Gustavo Silberschmidt | Engenheiro Agrônomo | F-2009

Atuação profissional

Trabalha como RTV, representante técnico de vendas da Sementes Agroceres, marca de sementes de milho e sorgo, da Monsanto do Brasil. Sou responsável por um distrito no Estado de São Paulo que atende canais de distribuição, cooperativas e agricultores em diversas cidades. O atendimento e assistência são os principais alicerces do trabalho, tendo o relacionamento interpessoal como chave para a boa condução do mesmo. Treinamentos de distribuição, eventos de geração de demanda e atendimento à clientes fazem parte do dia a dia de um RTV. Sem dúvida nenhuma, um trabalho dinâmico e desafiador.

Quais os maiores desafios no ramo de sementes?

Os maiores desafios estão na consolidação da biotecnologia. Esta consolidação vem acontecendo, de forma gradual, porém temos que fazê-la de forma consciente, de modo a não eliminarmos seus benefícios. As atuais biotecnologias devem ser usadas sempre seguindo as normas, como a utilização das áreas de coexistência e as recomendações, como a área de refúgio, para que não percamos o enorme benefício que esta biotecnologia nos trouxe. Acredito que este é o maior desafio!

Que tipo de profissional o mercado de sementes espera?

O mercado de sementes espera e busca profissionais comprometidos, preparados e dedicados. É um mercado no qual atuam diversas empresas que possuem portfólios competitivos e programas de incentivo às vendas e biotecnologia. Sendo assim, o diferencial está no comprometimento, seja com o agricultor, com a distribuição ou cooperativa. Estar preparado e atualizado com as novas tecnologias é de suma importância para o sucesso, estas estão ajudando os agricultores a produzir mais, conservar mais e melhorar vidas, objetivos comuns a todos que trabalham e vivem da agricultura.

Entrevista concedida à Ana Carolina Miotto
Estagiária de Jornalismo
16/05/11



Hélio Casale | Engenheiro Agrônomo | F-1961

Atuação profissional

Formado na turma de 1961, dedicou-se, ainda no período escolar, ao estudo da seringueira, cujo cultivo estava avançando no interior de São Paulo. Logo ao completar a graduação prestou concurso para a DATE, órgão da Secretaria da Agricultura de São Paulo tendo sido aprovado e indicado para assumir a Casa da Lavoura de Tabapuã. Ali ficou por cerca de 3 anos controlando a saída de mudas do viveiro da Água Milagrosa até que foi convidado para assumir a Casa da Lavoura de Catanduva. Por indicação dos colegas mais velhos foi para a Delegacia Regional de Catanduva para coordenar os trabalhos de outros 14 colegas. Ficou nesse cargo até agosto de 1966, quando se desligou desse trabalho para entrar no quadro de agrônomos da Quimbrasil, empresa que comercializava fertilizantes e defensivos, onde tinha a incumbência de dar assistência técnica aos vendedores e clientes maiores.

Depois foi transferido para a Matriz da empresa em São Caetano do Sul (SP) para assumir o Departamento Técnico Brasil. Permaneceu nessa empresa por 18 anos, se desligou em 1984 para tocar a vida como consultor autônomo, atividade que desenvolve ainda hoje com clientes produtores de café e cacau principalmente. Dentro dessa atividade está sendo levado também a proferir palestras e treinamento técnico sobre técnicas de vendas, emprego adequado de fertilizantes e corretivos. Ocupa seu tempo também em escrever artigos técnicos para revistas e jornais. Para a execução dos trabalhos, tem procurado manter um nível constante de atualização, recorrendo aos companheiros professores nas universidades, lembrando também que tem bons professores na iniciativa privada.

Que tipo de profissional o seu mercado espera?

Um profissional atualizado com as modernas técnicas de cultivo e condução das lavouras e que enxergue o todo, pois a agricultura está sob a influência de cerca de 52 fatores de produção referentes aos aspectos, físico, químico e

biológico e trabalha em tempo real. O mercado procura um profissional de mente aberta, desprendido, devotado, não monetarista, que esteja atento à evolução das técnicas de cultivo e manejo e sempre aberto a inovações, venham elas de onde vier. O agrônomo de hoje deve, ainda, defender seriamente o conceito de solo parado, conscientizado e conscientizando seus liderados que estamos fazendo agricultura em solo sob clima tropical, onde os efeitos dos raios solares são muito mais intensos, afetando, sobremaneira, o solo e as plantas nele cultivadas.

Avalie a cafeicultura no País.

Com assistências nas principais regiões produtoras de café deste país, posso afirmar que estamos praticando uma cafeicultura de baixa produtividade econômica, sendo os seguintes os motivos principais: manejo inadequado dos matos das entrelinhas (mato zero); falta de desbrotas que leva a um envassouramento dos pés com aumento exagerado do IAF e conseqüente queda na produção potencial; muita pesquisa de uma nota só, como por exemplo doses crescente de fósforo e o aumento da produtividade, esquecendo dos demais fatores limitantes que entram, deixando-os sem medir; análise do solo em lavouras adultas como se fora um solo arado e gradeado anualmente; análise de folhas sem interpretação sazonal e adequada; colheita bem feita e um pós colheita que leva a perda de qualidade nos terreiros, secadores; aceitar orientação de técnicos das cooperativas que estão mais interessados em empurrar produtos do que orientar e avaliar as causas dos problemas; aceitar condições de crédito via Bancos e Cooperativas muito caras; boa parte dos cafeicultores não anotam seus gastos e nem tem noção, em tempo real, de a quantas anda seu negócio.

Entrevista concedida à Caio Albuquerque
08/02/2011



João Carlos Gonçalves Júnior | Engenheiro Agrônomo | F-1995

Atuação profissional

Formado em Engenharia Agrônômica pela Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz” (ESALQ/USP), João fez pós-graduação em administração na Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas (EAESP/FGV) e se especializou em *agribusiness* pelo Centro de Conhecimento em Agronegócios (PENSA/USP). Em 2010, fez especialização em marketing e vendas no *Institut européen d’administration des affaires* (INSEAD) em Cingapura. Há mais de 10 anos, se dedica à área de marketing e setores de gerência. Durante o período de 1998 a 2004, ocupou o cargo de gerente de produto na Monsanto e, entre 2008 e 2010, foi gerente de marketing da Syngenta *Seeds*. Atualmente, é gerente de marketing de Cana-de-Açúcar na FMC.

Qual o grande desafio do mercado de cana-de-açúcar?

O grande desafio do setor sucroalcooleiro é atender a crescente demanda por etanol, açúcar e energia.

Que tipo de profissional esse mercado espera?

O mercado espera um profissional apaixonado pela profissão. Alguém com postura pró-ativa, que queira fazer sempre mais e melhor. Também é importante que tenha ótima comunicação e facilidade de relacionamento.

Entrevista concedida à Ana Carolina Miotto
Estagiária de Jornalismo
10/06/2011



Leopoldo Viriato Saboya | Engenheiro Agrônomo | F-1997

Resumo da atuação profissional

Engenheiro agrônomo e mestre em Economia Aplicada pela ESALQ/USP. Atualmente, é vice-presidente de Finanças, Administração e Relações com Investidores da Brasil Foods, e faz parte dos quadros da companhia desde 2001. Neste período, desenvolveu atividades nas áreas de finanças corporativas, mercado de capitais, planejamento estratégico e inteligência competitiva.

Como executivo do setor alimentício, você considera que as empresas nacionais mantêm um nível de competitividade diante do mercado global?

Eu diria que o Brasil é, atualmente, o grande destaque nessa cadeia alimentar, não só de alimentos básicos como também com bastante valor agregado. Só para lembrar, a Brasil Foods, empresa onde atuo, congrega as empresas Perdigão e Sadia, as quais tem a vocação de produzir alimentos, desde a transformação de proteínas vegetais em proteínas animais para depois passar pelo respectivo processamento, industrialização, venda nos mercados interno e externo. Dessa forma, a Brasil Foods, que é uma empresa genuinamente brasileira, é um exemplo vivo de que o nosso país é de fato muito competitivo em alimentos. Só para se ter uma idéia, nós somos o maior exportador mundial de carne de frango com 20% de tudo o que se negocia no mundo. Estamos falando de uma cadeia de valor agregado, que emprega altíssimo nível de tecnologia desde o desenvolvimento de culturas de milho e soja até a venda de produtos alimentícios com marca e conveniência. É uma cadeia de complexa gestão, comprovando a vocação brasileira de alimentar o mundo com produtos de qualidade e preço baixo.

Que tipo de profissional o seu mercado espera?

O mercado em que nós atuamos é um mercado bastante amplo e heterogêneo. Temos desde as atividades de agropecuária que envolvem veterinários, engenheiros

agrônomo, zootecnistas. Depois, vêm todo o setor de transformação onde se destacam engenheiros de produção, administradores de empresa, economistas, ou seja, das mais variadas cadeiras. Eu diria que a ESALQ é um grande celeiro, pois além do tradicional curso de Engenharia Agrônoma, os demais cursos da Escola têm, certamente, campo para o mercado atual. Mas, falando um pouco do perfil e menos da função técnica, acredito que o mercado necessite de jovens formados com espírito "mão na massa", que tenham responsabilidade, compromisso com a companhia e com qualquer tipo de projeto que seja apresentado a eles, e não alguém que esteja lá para querer subir na carreira em um, dois ou três anos. Deve ser um profissional a quem poderemos delegar ações e confiar-lhes tarefas, missões, trabalhos. As oportunidades são enormes no mercado de trabalho. Só para ser ter uma idéia, quando me formei, há 13 anos, o mercado não era nada parecido com o que temos hoje, era muito difícil, tínhamos que bater de porta em porta porque havia muita competição. Em pouco tempo o panorama virou completamente às avessas, do lado positivo para quem está se formando porque a demanda hoje é muito grande, falta gente capaz. Enfim, as empresas necessitam de pessoas que saibam tomar decisões rapidamente, que sente numa cadeira e consiga resolver os problemas mesmo que pequenos, mas que saiba tomar a decisão correta e faça acontecer.

Entrevista concedida à Alicia Nascimento Aguiar
04/04/11



Luis Carlos Guedes Pinto | Engenheiro Agrônomo | F-1965

Atuação profissional

Engenheiro Agrônomo, graduado em 1965 pela Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”, da Universidade de São Paulo (1965) e doutorado em 1973. Fez estudos de pós-doutorado na Universidade de Córdoba (Espanha) em 1991. Principais funções exercidas: Professor Titular de Economia Agrícola da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), de 1983 a 2003; docente na Pontifícia Universidade Católica de Campinas (1966/1969) e na Universidade de Brasília (1976/1982); membro do Grupo de Implantação da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa); pró-reitor de Desenvolvimento Universitário da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), de 1998 a 2001; presidente da Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB), de janeiro de 2003 a dezembro de 2004; secretário-executivo do Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento, de dezembro de 2004 a junho de 2006; Ministro da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, de junho/2006 a março/2007; vice-presidente de Agronegócios e Micro e Pequenas Empresas do Banco do Brasil, desde julho 2007.

Que tipo de profissional o seu mercado espera?

O profissional deve possuir uma visão globalizada e sistêmica dos mercados. Deve conhecer tanto das questões internas do agronegócio brasileiro quanto das discussões envolvendo o mercado internacional. É fundamental que conheça os diferentes elos das cadeias produtivas e a complexidade das relações estabelecidas entre os agentes. É imprescindível que o profissional busque, de forma permanente, ações de capacitação e atualização de conhecimentos. Além disso, deve investir no aprofundamento das questões que envolvem a gestão financeira do negócio (custos de produção, receitas, mitigação de riscos), a preservação ambiental, a certificação da produção, as relações contratuais e a organização da cadeia produtiva. Por fim, deve priorizar uma atuação

prospectiva de futuro, contemplando a análise dos desafios e das oportunidades do mercado nacional e internacional.

De que forma a aproximação entre as instituições financeiras e os produtores agrícolas contribui para o desenvolvimento do agronegócio no País?

A aproximação contribui para o desenvolvimento do agronegócio brasileiro, na medida que permite que os produtores rurais tenham acesso aos recursos do crédito rural, com taxas de juros e prazos de pagamento favoráveis. Os recursos do sistema nacional de crédito rural constituem-se em importante fonte de financiamento dos produtores rurais, sendo utilizados para o custeio da produção, o apoio à comercialização e a realização dos investimentos destinados à aquisição/modernização de máquinas, equipamentos e instalações. Além de suprir a demanda de crédito do segmento agropecuário, as instituições financeiras podem desempenhar um importante papel no processo de disseminação dos instrumentos de proteção da renda e conscientização dos produtores rurais. O estímulo à contratação tanto do seguro da produção quanto do seguro de preço contribui de forma decisiva para minimizar a volatilidade de renda, garantindo condições mínimas de sustentação aos produtores e favorecendo o crescimento do agronegócio brasileiro.

Entrevista cedida à Alicia Nascimento Aguiar
08/10/2010



Manoel Carlos de Azevedo Ortolan Engenheiro Agrônomo | F-1969

Atuação profissional

Engenheiro Agrônomo formado em 1969. Logo após a formação acadêmica trabalhou na Copersucar, onde permaneceu até fevereiro de 1972. Após, atuou na Canaoeste durante seis meses. Desligou-se da Canaoeste para assumir a gerência da Fazenda Pouso Alegre em Goiás, onde permaneceu até julho de 1975, quando retornou a Canaoeste para trabalhar como gerente do Departamento Técnico, função na qual atuou até fevereiro de 2.000. Neste mesmo ano e mês, assumiu a presidência da Canaoeste, cargo que ocupa até hoje. De março de 2.001 a março de 2007, foi presidente da Urplana. Ao longo desse tempo atuou como membro de várias entidades. Hoje, é diretor da Copercana e *SicoobCocred*, segundo vice-presidente do Sindicato Rural de Ribeirão Preto, faz parte do Conselho Deliberativo da Abag-RP, membro do Cosag e da Fiesp.

Que tipo de profissional o seu mercado espera?

O jovem que opta por realizar o curso de Engenharia Agrônoma deve ter uma motivação muito grande para tratar com "as coisas da terra" de uma forma direta, mas as atividades da profissão vão muito além dos tratos com lavouras e pecuária. O campo de atuação do engenheiro agrônomo engloba toda a produção agropecuária, defesa fitossanitária, construções rurais, mecanização agrícola, agronegócio, planejamento rural, gestão de propriedades e meio ambiente. Como em boa parte das profissões, a área ambiental vem ganhando espaço. A intensificação do processo produtivo, a escassez de áreas para ampliar a produção, a geração de efluentes e resíduos devido ao processo produtivo agropecuário e as agroindústrias acabam por gerar grandes problemas ambientais que o profissional da agronomia deverá estar apto a enfrentar. O saneamento rural, os avanços na agricultura de precisão com aplicação das técnicas do geoprocessamento e os produtos geneticamente modificados exigem uma certa mudança no perfil de atuação e por isso o engenheiro

agrônomo tem de estar sempre bem informado sobre todos os avanços tecnológicos.

Aponte mecanismos estratégicos para o futuro dos principais produtos básicos da nossa economia regional - cana, açúcar e etanol.

Combustíveis renováveis são os novos paradigmas do agronegócio mundial e têm gerado uma euforia sem precedentes. Para o Brasil, firmar-se como liderança global neste setor é preciso demanda, competitividade e sustentabilidade. Na área da competitividade, o problema mais imediato é a necessidade de unificar a alíquota do ICMS em todo o território nacional, estabelecendo um tratamento para os combustíveis renováveis semelhante ao hoje conferido ao óleo diesel e ao gás natural veicular. A expansão da produção, nos próximos anos, exige esforços redobrados para melhorar a infra-estrutura do País por meio da construção de alcooldutos e da integração dos diferentes modais logísticos. Na área social, a agenda passa pelo cumprimento rigoroso da legislação trabalhista vigente, pela requalificação de trabalhadores por conta do crescimento do corte mecanizado e pela capacitação de fornecedores e profissionais de nível médio e superior.

O Brasil precisa adotar uma ação protagônica nas discussões com governos, empresários e ONGs sobre os problemas de aquecimento global, mudança climática, uso de créditos de carbono, economia de recursos naturais, biotecnologia e outras pautas globais, incluindo o debate sobre mecanismos apropriados de certificação socioambiental.

Entrevista concedida à Caio Albuquerque
03/12/2010



Marcos Sawaya Jank | Engenheiro Agrônomo | F-1984

Atuação profissional

Presidente da UNICA desde junho de 2007. Foi idealizador e primeiro presidente do Instituto de Estudos do Comércio e Negociações Internacionais (ICONE). Durante 13 anos, foi professor do Departamento de Economia, Administração e Sociologia da ESALQ, transferindo-se depois para a Faculdade de Economia e Administração (FEA-USP) e para o Instituto de Relações Internacionais (IRI) da USP em São Paulo. É livre docente e engenheiro agrônomo pela ESALQ, doutor pela FEA-USP e mestre em políticas agrícolas pelo IAMM de *Montpellier*, França. É conselheiro da Presidência da República no Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social (CDES), membro do conselho consultivo da Empresa de Pesquisa Energética (EPE) e do conselho consultivo do setor privado (Conex) da Câmara de Comércio Exterior do Governo Federal (Camex). Diretor do Departamento do Agronegócio e membro dos conselhos superiores de comércio exterior (COSCEX) e do agronegócio (COSAG). Com mais de 200 trabalhos publicados e cerca de 500 palestras realizadas em eventos no País e no exterior, Jank foi indicado, recentemente, como uma das 100 personalidades mais influentes do Brasil pela Revista Época.

Como executivo do setor sucroalcooleiro, o senhor considera que é possível que o setor produtivo nacional consiga produzir um etanol de boa qualidade e com preço mais competitivo frente à gasolina?

O que acontece é que o setor passa por uma revolução extraordinária, que começa na criação do programa do etanol nos anos 1970, avança com os automóveis flex que hoje já atingem 50% da frota brasileira e, nos últimos anos, com a internacionalização do etanol por conta dos programas de vários países que tem buscado essa via energética como forma de reduzir as emissões de gases de efeito estufa. Hoje o principal programa no mundo é o norte americano e nós estamos nesse momento em uma

imensa ‘briga’ para abrir aquele mercado para o produto brasileiro. Existem ainda o programa europeu, o japonês e mais cerca de trinta países trabalhando com esse propósito.

Mas o preço será competitivo para o consumidor?

Durante os últimos trinta anos, o preço do etanol caiu cerca de 70% em termos reais, enquanto o petróleo triplicou de preço. Portanto, o etanol só ganhou competitividade neste período e o petróleo perdeu. A tendência é o petróleo custar cada vez mais e os biocombustíveis cada vez menos.

Quais fatores permitirão a queda do preço do etanol?

Isso ocorrerá porque o etanol é limpo e renovável e ainda podemos incorporar muito mais tecnologia. Basta dizer que há trinta anos nós produzíamos 3 mil litros de etanol por hectare e hoje estamos chegando a 8 mil litros por hectare. Temos tecnologias em laboratório que permitirão atingirmos 14 mil litros por hectare. A ESALQ tem um papel muito importante nessa trajetória, assim como a região de Piracicaba como um todo, já que o CTC, nosso principal centro tecnológico está localizado aqui. Basta dizer que ainda estamos iniciando a utilização do bagaço e da palha da cana, a chamada biomassa da cana, para produzir eletricidade e etanol celulósico de segunda geração. Ou seja, o etanol já teve o seu custo reduzido e, com os ganhos de produtividade que ainda virão de pesquisas de ponta a serem concretizadas, nós reduziremos ainda mais, sem contar o efeito ambiental gerado pela redução de emissão de gases do efeito estufa em escala global. No ano passado, ganhamos o nosso “passaporte” para exportar o etanol para o mundo com o reconhecimento do etanol de cana-de-açúcar como um “biocombustível avançado” pela Agência de Proteção Ambiental dos Estados Unidos, a EPA.

Entrevista concedida à Caio Albuquerque
18/03/2011



Maria Lucia Azevedo Silveira | Engenheira Agrônoma | F-1996

Atuação Profissional

Maria Lucia Azevedo Silveira é engenheira agrônoma formada pela ESALQ, em 1996. Desde 2006, é professora e pesquisadora do departamento de *Soil and Water Science* da *University of Florida*. Obteve o título de doutor em Solos e Nutrição de Plantas pela ESALQ, em 2003. Após o doutorado, atuou como pesquisadora em várias instituições nos Estados Unidos. Atualmente, sua área de pesquisa é voltada para a dinâmica de nutrientes em sistemas solo-água-plantas, com ênfase especial em sistemas de pastagens naturais e melhoradas. Seu programa de pesquisa inclui manejo de nutrientes, química do solo, além de aspectos ecológicos como preservação dos recursos hídricos e redução dos riscos de poluição ao ambiente por atividades agrícolas. Trabalha diretamente com diversos setores agropecuários nos Estados Unidos e agencia regulamentadoras com o objetivo de preservar os recursos naturais associados com sistemas agrícolas. Seu programa de extensão tem como principal objetivo promover práticas de manejo que visem ao uso sustentável dos recursos naturais e resultem em ganhos de produtividade. Ela é membro da *Soil Science Society of America*, *America Society of Agronomy*, e *Crop Science Society of America*.

Que tipo de profissional o seu mercado espera?

Na área acadêmica, acredito que o mercado esteja em busca de profissionais qualificados que tenham entusiasmo pelo ensino, pesquisa e descoberta. O profissional que se dedica à pesquisa deve ter habilidade de se adaptar a novas situações e ser motivado por novos desafios. Motivação e criatividade são características essenciais para o sucesso do profissional nessa área.

Como pesquisadora da área de pastagens, ciclo de nutrientes e qualidade de água, qual o tipo de assistência disponibiliza aos produtores rurais?

Uma das funções que desempenho como pesquisadora é a transferência de tecnologia a produtores de forragem e pecuária de corte, além de oferecer assistência técnica nas áreas de fertilidade do solo e qualidade da água. Também sou responsável pelo treinamento de técnicos e extensionistas que trabalham diretamente com produtores rurais. Outro aspecto importante do meu programa de extensão é que ele é voltado às sociedades urbanas. Ofereço programas de extensão com o objetivo de educar pessoas que não são diretamente ligadas à agricultura sobre a importância da preservação e melhoria de sistemas agrícolas sustentáveis e os benefícios dessas práticas para sociedade como um todo. Áreas agrícolas bem manejadas prestam serviços essenciais como preservação da biodiversidade e qualidade do solo, água e ar.

Entrevista concedida à Alicia Nascimento Aguiar
15/03/2011



Michel Henrique Reis dos Santos | Engenheiro Agrônomo | F-1991

Atuação profissional

Graduado em engenharia agrônômica em 1991, atuou nos Cerrados pela FMC, empresa de defensivos agrícolas, trabalhando na área técnica, comercial e marketing. Depois foi para a Monsanto, no Mato Grosso do Sul, com foco em desenvolvimento de mercado e sistemas de produção agropecuária. Pós-graduado em marketing pela ESPM, trabalhou na Manah até sua aquisição pela Bunge, onde continua até hoje. “Estou completando 20 anos de formado e sou feliz pela rica experiência em vários setores do agronegócio estendido, desde a prática no campo até a área de alimentos acabados. Desde 2006, agindo corporativamente, meu trabalho baseia-se na gestão em sustentabilidade para toda a cadeia de alimentos e bioenergia”, explica Michel.

Qual o grande desafio da sua atuação?

Um dos grandes desafios é a expectativa global para que façamos um modelo agrícola de forma sustentável, pois somos considerados o celeiro do mundo e fortes representantes do agronegócio também no desenvolvimento tecnológico. O ponto de vista da sustentabilidade ainda é algo novo e temos que trabalhar esse conceito tanto com as empresas do setor quanto junto aos produtores e consumidores finais. O desafio, então, é conciliar as melhores técnicas de modo a minimizar os impactos ambientais e sociais, aumentar produtividade e ainda promover o resgate do valor que o agronegócio tem no Brasil, desde as comunidades vizinhas até mercados importadores. Essa nova postura exigida dos profissionais passa pela necessidade do crescimento a partir de ações de inovação, aplicação de tecnologias adequadas e responsabilidade socioambiental, de forma que possamos ter a segurança de que estamos produzindo da melhor maneira. Se existe alguma dúvida no processo, precisamos repensar. Se existe algum novo critério a ser empregado em um modelo já estabelecido, então é necessário

reflexão sobre esses modelos e os reais benefícios a serem conquistados. Sem retorno econômico, perde-se a viabilidade. Mas hoje as empresas e profissionais não querem apenas pensar no retorno do balanço comercial, e sim sobre o resultado que teremos no futuro, a manutenção de um modelo sustentável.

E o que o mercado espera?

Espera flexibilidade. Inovação de conceitos, busca pelo o que podemos ter de melhor com relação à produtividade não só dentro da porteira, mas integrando isso com as demandas socioambientais e necessidades dos consumidores finais. O mercado espera que se consiga vislumbrar novos horizontes, com renovação contínua de técnicas. As pessoas querem a opção de escolha pelo melhor modelo, sem imposição ideológica. E, o melhor, é poder acreditar que deixaremos uma pegada positiva para que nossos filhos continuem a evolução e que terão um mundo para fazê-lo.

Entrevista concedida à Caio Albuquerque
15/04/11



Ondino Cleante Bataglia | Engenheiro Agrônomo | F-1967

Atuação profissional

Engenheiro Agrônomo formado em 1967, com doutorado em Agronomia também na ESALQ e PhD em Ciência do Solo, em 1980, pela Universidade da Califórnia, Davis, CA, EUA. Atuou como pesquisador científico do Instituto Agrônomo de Campinas desde janeiro de 1968; diretor geral da Instituição (1992-1995), coordenador da Pesquisa Agropecuária do Estado de São Paulo (1996-1998). Aposentou-se na função de pesquisador em 2003, ano em que fundou a CONPLANT, empresa de consultoria, treinamento, pesquisa e desenvolvimento agrícola. Em sua atuação profissional trabalhou nas linhas de nutrição e adubação de plantas cultivadas: citros, café, soja, seringueira e outras; análise química e interpretação de resultados de solo, de plantas e substratos, diagnose do estado nutricional de plantas. Na CONPLANT é responsável pelos projetos da Agrisus e apóia os demais projetos da empresa.

Que tipo de profissional o seu mercado espera?

O mercado espera profissionais ambiciosos. Profissionais que não sejam acomodados e que tenham iniciativa. A formação em áreas básicas é essencial. Esses profissionais têm muito mais facilidade de desenvolvimento quando dominam áreas básicas de matemática, química, bioquímica, biologia, estatística. Observamos ainda que aqueles que investem na pós-graduação estão ganhando espaço. Domínio de língua estrangeira e informática são obrigatórios. Embora a maioria dos agrônomos ainda trabalhe como empregado, o mais indicado seria que eles tivessem oportunidade e treinamento para serem empreendedores.

De que maneira os aspectos ligados à nutrição mineral contribuem com a sustentabilidade do agronegócio brasileiro?

A nutrição mineral de plantas está diretamente relacionada

com a produtividade. Fórmulas balanceadas e equilibradas de nutrientes seguindo os preceitos do uso eficiente levam à sustentabilidade ambiental e econômica da produtividade agrícola. Recentemente a fertirrigação e o manejo de nutrientes em cultivo protegido estão mostrando o aumento de eficiência no uso de nutrientes. Deve-se considerar ainda que formas solúveis de alta qualidade são necessárias nesses novos sistemas de produção vegetal. A nutrição mineral integra o conjunto de insumos básicos de todas as cadeias produtivas. O uso continuado e com recomendações corretas levam a melhoria da fertilidade dos solos garantindo a sustentabilidade.

Entrevista concedida à Alicia Nascimento Aguiar
10/12/2010



Paulo Sérgio Correia | Engenheiro Agrônomo | F-1998

Atuação profissional

Em 1998, terminou o doutorado em Agronomia também na ESALQ em 2006 e especialização (MBA) em Investimento e Gestão na Agroindústria Sucroalcooleira pelo Departamento de Economia, Administração e Sociologia em 2008. Tem experiência na área de Zootecnia, em produção de ruminantes e produção vegetal, com ênfase em produção de forrageiras tropicais (pastagens, cana-de-açúcar), culturas anuais (milho, sorgo e soja) e agroenergia, com ênfase em energias renováveis. Foi diretor agrícola da Goiás Agroenergia S/A (Usina Abadiânia/GO - em fase de implantação) entre, 2007 e 2009. Desenvolveu projetos no Brasil, América do Sul e Caribe entre 2009 e 2010, entre eles alguns projetos inovadores para produção de etanol e energia a partir de sorgo sacarino na República Dominicana (para 5,2 milhões de toneladas/ano) e vários Due Diligences agrícolas no Brasil (entre eles o da fusão entre a Shell e Cosan). Em 2010 fundou, com o Sr. Vladimir Franco de Oliveira, a empresa KPPC - Planejamento Agrícola, onde é vice-presidente de operações e coordena projetos no Brasil (Usinas Pedras de Goiás - 5 usinas de 3,5 milhões de tc/ano - ADAXX Capital), América Latina (Bolívia e Colômbia), Caribe (Rep. Dom.) e África, além de outros projetos agrícolas para unidades de biodiesel e Termoelétricas a Biomassa. Em 2011 fundou a Biosul Empreendimentos P&D Ltda, onde desenvolve o projeto de Usinas e Fábricas de Biofertilizantes Integradas no MS.

Que tipo de profissional o seu mercado espera?

Profissionais arrojados, dinâmicos, técnicos e com visão de longo prazo, que prezem pela fundamentação das informações técnicas acima de tudo e não simplesmente por quantidade de informações, que saibam filtrá-las e extrair das informações de qualidade toda a sua essência.

Concurso de Idéias “Economia Verde”, patrocinado pela Agência de Fomento Paulista Nossa Caixa Desenvolvimento. Explique o projeto ‘Fábrica de Fertilizantes’.

O projeto visa mostrar a viabilidade da montagem de sistemas integrados de produção. A proposta visa integrar o sistema de produção de agroenergia (Usina Termoelétrica a Biomassa ou Usinas Sucroalcooleiras) e o sistema de produção pecuário (Frigoríficos e Confinamentos de bovinos). A integração entre essas atividades é caracterizada pela sinergia entre elas, permitindo a redução dos custos de produção dos parceiros e novas receitas com a instalação das fábricas de Fertilizantes Organominerais Integradas. Assim, a proposta visa a montagem de fábricas de fertilizantes organominerais peletizados integrada, que neste projeto apresentou viabilidade tanto para a fábrica de fertilizantes organominerais (Lucratividade de R\$1,59 para cada R\$1,00 investido e Payback descontado (K=10%) de 3,95 anos), como para a Usina Termoelétrica (Redução de R\$ 8,75/MWh produzido), viabilizando ainda a implantação de um grande confinamento de bovinos de corte (fator estratégico para o frigorífico e para a implantação do projeto), o estudo mostrou que um confinamento integrado proporciona uma TIR de 14,04%/ano contra uma TIR 9,45%/ano de um confinamento padrão estruturado de forma convencional, tornando altamente atrativo para um frigorífico parceiro a estruturação deste sistema de produção integrado. Da mesma forma, uma fábrica de fertilizantes organominerais integrada com uma usina sucroalcooleira e o setor pecuário, proporciona uma redução nos custos de produção da cana-de-açúcar de R\$ 4,70/tonelada de cana, além de tornar atrativo para o setor elétrico a instalação de Usinas Termoelétricas próximas a estas situações.

Em dezembro de 2010, o senhor foi premiado no 1º

Entrevista concedida à Caio Albuquerque
28/03/2011



Renata Santos Momoli | Engenheira Agrônoma | F-1994

Atuação profissional

Após formar-se, mudou-se para Fortaleza onde, durante oito anos, trabalhou com paisagismo criando espaços, tanto em áreas de jardins de residências quanto em área comercial. Em 2004, voltou para São Paulo e retomou a carreira acadêmica iniciando seu mestrado no programa de Solos e Nutrição de Plantas do Departamento de Solos (LSO) da ESALQ. Em 2006, finalizou o mestrado e iniciou o doutorado concluído este ano.

Concluído o doutorado agora, o que pretende fazer?

Vou para Recife fazer o pós-doutorado, trabalhar com manejo de bacias hidrográficas e balanço de sedimentos. O estudo será direcionado em dois locais: uma área de pesqueira no agreste de Pernambuco e uma bacia hidrográfica em Fernando de Noronha, responsável pelo abastecimento hídrico da população local.

Atualmente, quais são os desafios enfrentados pelos engenheiros agrônomos?

O desafio que os recém-formandos enfrentarão é conjugar a parte agrônômica, de produção de alimentos, com a conservação de recursos naturais. Nós ainda estamos enfrentando o início da resistência por parte dos produtores rurais em ver como uma obrigação respeitar as leis ambientais. É preciso conscientizar o agricultor de que é possível produzir respeitando a legislação ambiental, buscando a conservação dos ecossistemas e recursos naturais, independente da redução de produtividade.

É possível aliar o progresso à sustentabilidade?

Sim, por meio do zoneamento. Da mesma forma que na nossa casa estabelecemos os lugares mais adequados para cada tipo de atividade. Assim, dentro da propriedade rural também deve existir esse zoneamento, delimitando as áreas mais sensíveis que devem ser isoladas e preservadas, e outras passíveis de serem agricultadas. O produtor precisa

ter a consciência que dentro de uma propriedade existem os locais de produção e de conservação que precisam ser zoneados e respeitados.

Quais ações são necessárias para haver essa conscientização?

As políticas públicas deveriam fomentar melhor as agências de extensão rural e auxiliar na capacitação dos profissionais que trabalham com extensão e levam para o produtor essa consciência. Afinal, eles são o elo entre a tecnologia e o produtor. O Estado deve garantir que as informações sobre zoneamento cheguem ao agricultor de maneira clara e correta, não como uma imposição injustificável. O proprietário das terras precisa saber como é o ambiente no qual ele vive, quais são as normas que incidem sobre a propriedade dele e ter o apoio dos órgãos governamentais para poder conduzir uma recuperação de mata ciliar, uma regeneração de floresta ou um controle de qualquer tipo de manejo inadequado.

Qual o papel do jovem recém-formado nesse contexto?

O jovem precisa estar atento à parte de direito ambiental. O engenheiro agrônomo deve ter conhecimento das leis que regem as propriedades. Afinal, ele que está em contato direto com o produtor e tem a responsabilidade de orientá-lo sobre os riscos do não cumprimento da legislação.

Entrevista concedida à Ana Carolina Miotto
Estagiária de Jornalismo
03/10/2011



Roberto Rodrigues | Engenheiro Agrônomo | F-1965

Atuação profissional

Engenheiro agrônomo e agricultor, professor de Economia Rural da UNESP/Jaboticabal, coordenador do Centro de Agronegócio da FGV e presidente do Conselho do Agronegócio da FIESP. Foi presidente da Organização das Cooperativas Brasileiras, da Sociedade Rural Brasileira, da Associação Brasileira de Agribusiness e da Aliança Mundial de Cooperativas; foi Secretário de Agricultura de São Paulo (1993/94) e Ministro da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (2003/2006).

Comente o atual cenário agrícola

Segundo a OCDE, nos próximos 10 anos a produção mundial de alimentos deve aumentar 20% para atender à crescente demanda mundial em função do crescimento da população e da renda dos países emergentes. A mesma instituição prevê que este crescimento será atendido de maneira diferente pelos principais países produtores. Assim, a UE contribuirá com mais 4%, a Austrália com 7%, Estados Unidos e Canadá com 15%, Rússia, Índia, China e Ucrânia com 27% e o Brasil com 40%. Portanto, a OCDE calcula que a contribuição brasileira será igual ao dobro da média mundial. Isto se deve ao fato de termos disponibilidade de terras, a melhor tecnologia tropical do planeta e um agropecuarista muito competitivo. Este é o cenário. Para atingir este potencial, todavia, precisamos fazer uma pesada lição de casa que inclui: um programa de renda para o campo; investimentos em infraestrutura e logística; uma política comercial mais agressiva; defesa sanitária; investimentos em pesquisa, inovação e extensão rural; e uma melhor institucionalidade, com órgãos públicos articulados entre si e com o setor privado com vistas a uma estratégia de Estado. Isto implica em reformas de legislações obsoletas e forte compromisso com a sustentabilidade e com a economia verde, para mitigar o aquecimento global.

Que profissional o seu mercado espera?

Com boa formação técnica, com capacidade de liderança, aberto às inovações, capaz de se expressar, conhecedor de pelo menos mais um idioma (inglês) e, sobretudo, bom caráter (honesto, verdadeiro e comprometido com o progresso do setor para o bem do país).

Em recente entrevista concedida à Isto É Dinheiro, o sr. afirmou que “o mundo vê o Brasil com olhos gulosos” e que “vários fatores transformaram o Brasil em uma espécie de meca dos investimentos em agricultura”. De que maneira a meca de investimentos em agricultura pode tornar-se realidade em outros setores da economia do País?

Investimentos em setores além do campo: precisamos de uma clara estratégia governamental negociada com o setor privado, que sinalize aos investidores as regras para virem ao país. A segurança institucional é essencial neste processo, contemplando, por exemplo, a garantia do direito de propriedade, políticas cambial e fiscal definidas, bem como a comercial externa.

Entrevista concedida à Alicia Nascimento Aguiar
08/10/2010

AGROdestaque

ENGENHARIA FLORESTAL

O curso de Engenharia Florestal forma profissionais capazes de avaliar o potencial biológico dos ecossistemas florestais, de planejar e de executar o manejo sustentável das florestas nativas e plantadas, visando a obtenção de produtos, bens e serviços de origem florestal e a conservação do ambiente. A capacitação desses profissionais está baseada em áreas de conhecimento relacionadas com a ecologia aplicada, produção florestal, economia e administração florestal, gerenciamento de unidade de conservação, tecnologia de produtos florestais e gerenciamento de unidades industriais de madeira.

Roberto Amaral (Acom)



Roberto Amaral (Acom)





Celina Ferraz do Valle | Engenheira Florestal | F-1976

Atuação profissional

Graduou-se como engenheira florestal na ESALQ em 1976, onde também fez mestrado. Toda a carreira foi voltada para pesquisa florestal, mais propriamente ao melhoramento genético das florestas de eucalyptus. Contribuiu para o desenvolvimento e aplicação da metodologia de clonagem de eucalyptus em escala comercial, o que propiciou ganhos consideráveis para a produtividade e qualidade das florestas plantadas no Brasil. Trabalha, há 21 anos, na Fibria Celulose SA onde, além dos trabalhos técnicos, teve a oportunidade de contribuir para a formação de pesquisadores e profissionais que atuam em diversas áreas do setor florestal. Atualmente, é consultora senior do Centro de Tecnologia da empresa Fibria Celulose S.A, trabalhando com pesquisadores das áreas de biotecnologia, fisiologia e melhoramento genético de florestas de eucalyptus buscando, por meio de tecnologias inovadoras, ganhos produtividade, qualidade e resistência às doenças e condições de estresses diversos.

Que tipo de profissional o seu mercado espera?

O mercado atual espera profissionais com muito bom nível de conhecimento técnico e multi-especialistas; que tenham domínio da informática e idiomas e que sejam pessoas arrojadas; que estejam conectados aos negócios e com a atualidade; que sejam flexíveis frente às mudanças; que sejam capazes de colocar suas idéias na busca de seus objetivos pessoais e das empresas; que tenham ética e honestidade, facilidade de trabalhar em equipe e capacidade para manter um bom ambiente de trabalho onde a criatividade possa vencer os desafios são características extremamente desejáveis.

Comente sobre a qualidade ou estágio atual dos programas de melhoramento genético de florestas no Brasil

O desenvolvimento das florestas econômicas cultivadas no

Brasil, é sem dúvida, benchmark mundial. Os programas de melhoramento genético florestal brasileiro vêm trabalhando há mais de 40 anos, com ampla base genética, o que permite a obtenção de indivíduos adaptados e produtivos em sites marginais para agricultura. No período, a produtividade média das florestas de eucalyptus brasileiras passou de 8m³/ha/ano para de 42 m³/ha/ano. Ganhos consideráveis ainda relacionadas à qualidade da madeira para os diversos usos como celulose, serraria, carvão, energia, etc e a adaptação das florestas aos estresses climáticos vem sendo obtidos.

Entrevista concedida à Caio Albuquerque
16/11/2010



Eduardo Rizzo Guimarães | Engenheiro Florestal | F-2006

Atuação profissional

Enquanto cursava em Engenharia Florestal, estagiou no Instituto de Conservação e Desenvolvimento Sustentável do Amazonas (Idesam). Na oportunidade, apoiou na elaboração do Plano de Gestão da Reserva de Desenvolvimento Sustentável (RDS) da Uatumã, (UC), com 420 mil hectares, localizada no nordeste do Estado do Amazonas. Atualmente, a reserva é considerada modelo de implementação na região amazônica e Eduardo é coordenador do Programa de Unidades de Conservação do Idesam.

Descreva as atribuições pertinentes ao cargo que ocupa.

Entre as atribuições do cargo estão a coordenação das equipes que implementam as atividades de gestão da Unidade de Conservação e o apoio à formulação de políticas públicas para auxiliar a gestão dessas áreas, visto que esse modelo de gestão territorial ainda é muito recente no Brasil e apresenta muitos desafios.

Quais são esses desafios?

Os principais desafios estão relacionados à implantação de um sistema integrado de gestão territorial que leve em conta o desenvolvimento das populações moradoras da região e a conservação da natureza. Para isso, a interlocução com todas as esferas de poder atuantes na região, como associações comunitárias locais, órgãos municipais, estaduais e federais, é muito importante. Nosso principal objetivo é mostrar a possibilidade de compatibilizar a conservação da biodiversidade com a melhoria da qualidade de vida das populações ribeirinhas da Amazônia.

Que tipo de profissional o seu mercado espera?

O mercado de gestão de Unidades de Conservação espera profissionais pró-ativos, que tenham facilidade de atuar com equipes multidisciplinares e que possuam amor pela

causa. Os desafios da gestão dessas áreas são grandes e as dificuldades são muitas. Porém, é muito gratificante quando você consegue contribuir com sua determinação e seu conhecimento por melhorias das populações ribeirinhas da Amazônia. Nossa equipe foi a primeira a elaborar e aprovar planos de manejo florestal comunitário em terra firme dentro de uma UC amazônica, gerando renda e conservação da floresta. Isso é um exemplo de como esse mercado pode ser gratificante!

Entrevista concedida à Ana Carolina Miotto
Estagiária de Jornalismo
08/09/11



Paulo Henrique Groke Junior | Engenheiro Florestal | F-1982

Atuação profissional

Desde o ingresso na ESALQ, em 1979, sempre estive à serviço da busca de compatibilização entre a atividade de produção e a conservação ambiental. Já trabalhei na Acesita (hoje Arcelor Mittal), Suzano Papel e Celulose e, hoje, sou diretor de projetos ambientais do Instituto Ecofuturo. Tem como focos de trabalho o manejo florestal conservacionista; a gestão de áreas protegidas, como forma de potencializar o seu valor ambiental, a geração de recursos financeiros e a integração com as comunidades do entorno; o planejamento ambiental, notadamente com a recomendação de técnicas que tenham como objetivo a minimização dos impactos ambientais e sociais advindos da implantação e manejo das plantações florestais; o desenvolvimento de políticas que sirvam de arcabouço para planos de sustentabilidade empresarial.

valorização e o pagamento pelos serviços ambientais são componentes importantes desta nova estratégia.

Que tipo de profissional o seu mercado espera?

É fundamental que o profissional possua uma visão de mundo expandida. Na minha área de atuação, ao conhecimento técnico e eficiência em gestão, devem estar associados o entendimento do conjunto de relações que afetam a sustentabilidade do planeta e do negócio. Saber olhar como cada detalhe, como cada decisão no campo táctico afeta o todo, é uma característica profissional e humana indispensável.

A sustentabilidade empresarial passa hoje pelo emprego de estratégias que minimizem o impacto ambiental?

Creio que seja impossível pensar a empresa e o planeta de outra forma que não seja pelo emprego dessas estratégias. É fato que a sociedade moderna vem causando uma tremenda descapitalização dos recursos da Terra e, se desejamos perpetuar os processos de produção, prestação de serviços assim como as relações comerciais, será necessário adotarmos uma nova lógica econômica. A chamada “economia de baixo carbono”, assim como a

Entrevista concedida à Alicia Nascimento Aguiar
16/11/2010



Renato Fabris Camargo | Engenheiro Florestal | F-1998

Atuação Profissional

No início de sua carreira, logo após formar-se em Engenharia Florestal pela ESALQ, em 1998, trabalhou como consultor independente para serviços de manutenção de áreas verdes na região de Campinas. Desde o início muitos clientes, geralmente pessoas físicas, donos de pequenas propriedades rurais, lhe procuravam para elaborar trabalhos de adequação ambiental. Ao longo do tempo, esse trabalho estendeu-se para grandes áreas e empresas que tinham necessidade legal de adequar-se ambientalmente.

A que área ou setor se dedica atualmente?

Atualmente trabalho na R Camargo Ambiental, com sede em Americana (SP), interior de São Paulo. Sou diretor técnico, gerencio trabalhos que envolvem plantio e manutenção para restauração florestal, elaboração de laudos ambientais, licenciamento de empreendimentos, licenciamento e construção de postos de combustível, estudos de passivo ambiental em áreas contaminadas e projetos de adequação ambiental. Nossos principais clientes são Petrobrás, Transpetro, Elektro, Votorantim, Rede Frango Assado e Frigorífico Minerva. Atuamos em todo o Estado de São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro. Como desenvolvo trabalhos em vários nichos da área ambiental, acredito que cursos de extensão e de pós-graduação na área ambiental e administrativa são primordiais para a captação de novas tecnologias com o objetivo de tornar nossos serviços cada vez mais competitivos.

Existem muitas oportunidades no mercado para os profissionais dessa área?

O desafio do setor consiste na busca de profissionais atualizados na área ambiental. Como este nicho de mercado é relativamente novo, tudo acontece de maneira muito dinâmica, tanto na área técnica quanto no que diz respeito à legislação vigente. Por isso, o profissional que deseja

se engajar nesta área precisa ser pró-ativo e prontamente disposto a enfrentar novos desafios.

Entrevista concedida à Ana Carolina Miotto
Estagiária de Jornalismo
05/08/2011



Tasso Rezende de Azevedo | Engenheiro Florestal | F-1994

Atuação profissional

Logo após formar-se na ESALQ, trabalhou na criação do IMAFLORA - Instituto de Manejo e Certificação Florestal e Agrícola, que dirigiu até 2002. O foco, nesta fase, foi no desenvolvimento da certificação como instrumento de catalisação da transição para sustentabilidade no setor florestal. Em 2003, trabalhou com a então recém indicada Ministra do Meio Ambiente, Marina Silva, na implementação do Programa Nacional de Florestas e do Plano Nacional de Prevenção e Controle do Desmatamento na Amazônia. Com a criação da Comissão Nacional de Florestas e a aprovação da Lei de Gestão de Florestas Públicas se dedicou, entre 2006 e 2009, à implantação do Serviço Florestal Brasileiro e à criação do Fundo Amazônia. Em 2009, passou a atuar como consultor independente, tendo como atividade central assessorar o ministro do Meio Ambiente em temas de floresta e clima, além de participar de uma série de conselhos de entidades e empresas.

Que tipo de profissional o seu mercado espera?

Não acredito em um perfil que o “mercado espere”, mas sim no profissional que a sociedade precisa para promover a nossa transição para um mundo mais sustentável e menos desigual. São pessoas que entendem o sentido de propósito de sua profissão, que instigam, não se acomodam diante do cotidiano dos negócios, que percebem e interagem com o mundo em rede, que percebem diferenças de opinião e as encara de frente, que são consistentes e que sabem aprender e multiplicar e disseminar o aprendido. Pessoas que focam no resultado, mas valorizam o processo.

Você aborda, em artigo, o tema da orientação para uma economia descarbonizada. Sobre diminuir as emissões de CO₂, o poder público e as empresas brasileiras estão em sintonia no que se refere às ações práticas?

O Brasil é o país com as maiores oportunidades de se tornar

uma economia de baixo carbono. Possui o maior potencial de energia eólica, solar, hidroelétrica e de biomassa no planeta. Isso é único. Embora tenhamos avanços, ainda temos um longo caminho pela frente. Nossas emissões per capita (CO₂eq) são altas, especialmente pelas emissões relacionadas ao desmatamento e ao setor agropecuário que representam mais de 70% da emissões do Brasil. Nossa emissão per capita hoje é de mais de 10 tCO₂/ano e precisa chegar em 2050 a 1 tCO₂/ano. A definição de uma meta de redução das emissões do Brasil para 2020 anunciado pelo governo brasileiro e fixado na Lei da Política Nacional de Mudanças Climáticas, com apoio do setor empresarial progressista, é um passo importante. Nosso progresso em áreas como etanol, reflorestamento, hidroeletricidade e redução do desmatamento é notável, mas ainda é preciso que a transição para uma economia de baixo carbono seja incorporada no planejamento plurianual dos governos nas três esferas e ascenda ao mais alto nível de decisão da maioria das empresas brasileiras.

Entrevista concedida à Caio Albuquerque
28/02/2011

AGROdestaque

GESTÃO AMBIENTAL

O curso de Gestão Ambiental tem como objetivo principal propiciar uma formação humanística e sistêmica que habilite o profissional formado a compreender o meio natural, social, político, econômico e cultural no qual está inserido, e a tomar decisões em um mundo diversificado e interdependente. A sua formação procura integrar sistemas, perceber os componentes que são dinâmicos, questionar disfunções e reverter processos de produção insustentáveis. Resumidamente, o profissional atuará na administração, na gestão e no desenvolvimento de organizações, projetos e atividades explicitamente responsáveis do ponto de vista social e ambiental. É a sua atuação, pautada pela ação, que contribuirá para melhorar e manter a integridade dos sistemas ecológicos dos quais dependem a vida e a produção.

Paulo Soares (ACOM)



Roberto Amaral (Acom)





Gabriel Henrique Lui | Gestor Ambiental | F-2005

Atuação profissional

Durante a graduação em Gestão Ambiental, desenvolveu interesse por temas ligados aos fatores que têm direcionado a mudança no uso da terra em florestas tropicais, especialmente na Amazônia. Assim, focou sua formação em áreas como Ecologia da Paisagem e Humana. Após formar-se, passou um período no Instituto de Pesquisa Ambiental da Amazônia (IPAM), desenvolvendo projetos que visavam reduzir o impacto ambiental da pecuária e da produção de soja no Mato Grosso. Retornou à ESALQ para iniciar o mestrado e, posteriormente, o doutorado, no Programa de Ecologia Aplicada, no qual tem aprofundado os estudos sobre as alterações antrópicas na região amazônica. Também tem atuado como professor convidado em cursos de pós-graduação da área ambiental.

Em sua atuação, quais os requisitos necessários para realizar um bom trabalho?

Minha atuação se concentra na área acadêmica. Tenho desenvolvido pesquisas para compreender o efeito de políticas públicas de transferência de renda no uso da terra e a dependência de recursos naturais entre pequenos produtores rurais da região Oeste do estado do Pará. Nesse sentido, é fundamental valer-se de uma abordagem multidisciplinar, que considere o peso de variáveis sócio-culturais, econômicas e biofísicas que compõem a complexidade da pesquisa e da gestão de políticas públicas ambientais em áreas rurais.

Quais os principais desafios desse setor?

Eu acredito que um grande desafio da pesquisa acadêmica é abordar problemas pertinentes à sociedade brasileira que, não somente satisfaçam a curiosidade científica do pesquisador, mas também forneçam subsídios claros aos formuladores de políticas públicas e tomadores de decisão. Para isso é necessário que haja mais canais de diálogo entre a academia e o governo, para identificar e construir

conjuntamente questões relevantes, que tragam respostas aplicáveis ao desafio de adequar as atividades econômicas aos limites dos sistemas ecológicos.

Que tipo de profissional o seu mercado espera?

Assim como em outros setores de atuação, eu tenho visto, na área acadêmica, uma demanda crescente por profissionais que consigam identificar e abordar problemas de forma transversal, trazendo referenciais de áreas distintas e propostas inovadoras para solução de problemas relevantes. Atender essa demanda não é uma tarefa trivial, visto que a expectativa por uma base disciplinar sólida continua presente. Além disso, a habilidade para captação de recursos, a pró-atividade, a capacidade de comunicação, a afinidade com a sala de aula, a paixão pelo estudo e a sensibilidade aos problemas que nos afligem como sociedade são características fundamentais para os profissionais que pretendem atuar nessa área.

Entrevista concedida à Ana Carolina Miotto
Estagiária de Jornalismo
05/08/2011



José Ricardo Reato | Gestor Ambiental | F-2005

Atuação profissional

Formado na primeira turma do curso de Gestão Ambiental da ESALQ, há pouco tempo concluiu sua especialização em licenciamento ambiental. Depois de formado, encontrou dificuldades para atuar na área ambiental, principalmente pelo desconhecimento do mercado e falta de conselho profissional. Dessa forma, ingressou, via concurso, nos bancos Nossa Caixa, Banco do Brasil e HSBC. Em resumo, atuou por cerca de 4 anos na área comercial/financeira das três instituições.

A que área ou setor se dedica atualmente?

Após diversas frustrações nas tentativas de me encaixar no mercado profissional, resolvi partir, definitivamente, para a área pública. Atualmente sou servidor público federal do Ibama, onde atuo com licenciamento ambiental de grandes obras, mais especificamente com o licenciamento ambiental de ferrovias e rodovias. As cobranças são muitas, visto que muito do PIB nacional passa pelas “mãos” do licenciamento ambiental federal. No entanto é um trabalho extremamente desafiador e gratificante e demanda um profundo e diversificado conhecimento do meio por parte dos servidores.

Quais os desafios para os profissionais dessa área?

Ao meu ver os principais desafios do setor são pressões políticas, necessidade de capacitação constante e flexibilidade do profissional, que deve ser dinâmico e pró-ativo.

Entrevista concedida à Ana Carolina Miotto
Estagiária de Jornalismo
12/08/2011



Renato Pellegrini Morgado | Gestor Ambiental | F-2007

Atuação profissional.

Formado em 2007, no curso de Gestão Ambiental, foi presidente do Centro Acadêmico “Luiz de Queiroz” (CALQ) e representante discente nos órgãos colegiados da ESALQ. Atualmente, trabalha no Instituto de Manejo e Certificação Florestal e Agrícola (Imaflora), atuando em projetos que buscam fortalecer a capacidade participativa da sociedade civil na gestão de políticas ambientais e criando instrumentos de transparência e controle social. Preside o Conselho Municipal de Defesa do Meio Ambiente de Piracicaba, órgão responsável por analisar e propor as diretrizes das políticas ambientais no município. Atualmente, é mestrando do Programa de Ciência Ambiental (Procam/USP), no qual atua com pesquisas sobre a formação superior em gestão ambiental.

Que tipo de profissional o seu mercado espera?

O mercado e a sociedade, em relação às questões ambientais, demandam profissionais que, além de competência técnica, sejam capazes de dialogar com diferentes atores que possuam interesses e visões distintas. As questões ambientais são extremamente complexas e demandam a construção de uma cultura democrática no Brasil. Estas capacidades de diálogo e de liderança construtiva devem caminhar com um forte compromisso ético e político de construção de uma sociedade mais justa e sustentável. A Universidade possui papel fundamental na formação de profissionais com estas habilidades e compromissos.

Um estudo realizado pelo Imaflora constatou que o consumidor piracicabano, apesar de preocupar-se com o futuro da Amazônia não possui preocupação com a origem da madeira consumida. Por que isso ainda ocorre? O que é necessário para mudar essa situação?

O desconhecimento sobre a origem dos produtos que consumimos pode nos transformar, involuntariamente, em incentivadores de processos produtivos que geram

impactos sociais e ambientais negativos. Apesar de nos preocuparmos com a questão ambiental, ainda damos pouca atenção para a nossa responsabilidade como consumidores, o que ficou evidente neste estudo realizado pelo Imaflora em Piracicaba. Ações educativas, que busquem discutir a responsabilidade do consumo, e instrumentos de controle, como a certificação, possuem grande potencial para transformar o ato do consumo em um ato de escolha. São também um incentivo à produção de bens que promova a geração de benefícios sociais e o uso sustentável dos recursos naturais.

Entrevista concedida à Ana Carolina Miotto
Estagiária de Jornalismo
25/07/2011



Rubens Caldeira Monteiro | Gestor Ambiental | F-2005

Atuação profissional

Após se formar em Geologia pela Universidade Estadual Paulista (Unesp), em 1997, Rubens pós-graduou-se em Docência no Ensino Superior pela Universidade Metodista (Unimep) e doutorou-se em Geociências e Meio Ambiente pela Unesp em 2003. Na ESALQ, formou-se no curso de Gestão Ambiental em 2005. Fez vários estágios, começando na Unesp pela iniciação científica CNPq/PIBIC, em 1995, e pelo Programa Especial de Treinamento PET/CAPES em 1997. Em 2000, estagiou na Universidad de Huelva (Huelva/Espanha) e, em 2004, na *University of North Carolina*, em *Chapel Hill* nos Estados Unidos. Também fez estágios no Núcleo de Pesquisas Geológicas da USP (Nupegeo) e na Embrapa Meio Ambiente, em Jaguariúna. Atuou como professor voluntário na Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp, em um grupo de pesquisa e docência em Geopidemiologia. Trabalhou com avaliação de recursos minerais ferroso na Companhia Vale do Rio Doce e com prospecção e pesquisa de minério de ferro na Sul Americana de Metais S/A da Votorantim Novos Negócios, em Minas Gerais. Desde 2009, é geofísico de reservatórios da Petrobrás.

Atribuições do cargo que ocupa

Atualmente atuo como Geofísico de Reservatório na Petrobrás. Faço modelagem geofísica de reservatório de petróleo e gás e analiso cenários. As atribuições do meu cargo envolvem a modelagem geofísica de reservatórios, desde o planejamento de aquisição e processamento de dados sísmicos até a caracterização de reservatórios. Esta é a área que, junto com a geologia e a engenharia de reservatórios, planeja a produção de um reservatório de óleo e gás. A partir desse plano de desenvolvimento de um reservatório ou de sua recuperação melhorada são delineados os projetos em óleo e gás.

Quais os principais desafios desse setor?

Otimizar custos e manter-se atualizado nas novas tecnologias em geofísica de reservatórios.

Que tipo de profissional esse mercado espera?

Um profissional que procure desenvolver aspectos de competência (teoria e técnica), habilidade (experiência) e atitude (relação pessoal), que esteja sintonizado com as novas tecnologias e softwares especializados. Também é importante ter inglês fluente, dado a necessidade constante de contato com pesquisadores do mundo todo e viagens ao exterior.

Entrevista concedida à Ana Carolina Miotto
Estagiária de Jornalismo
05/08/2011

AGRO  *destaque*